

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

ALESSANDRA REDEL

**O SUBSTANTIVO COMO MARCA LINGUÍSTICA DA REPRESENTAÇÃO DA
MULHER EM NOTÍCIAS: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA**

**São Leopoldo
2020**

ALESSANDRA REDEL

**O SUBSTANTIVO COMO MARCA LINGUÍSTICA DA REPRESENTAÇÃO DA
MULHER EM NOTÍCIAS: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Letras – Português/Inglês, pelo Curso de
Letras da Universidade do Vale do Rio
dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Prof^a. Dra. Vera Helena Dentee de Mello

São Leopoldo

2020

Para todas as mulheres que, de uma forma ou de outra, me inspiraram a nunca desistir dos meus sonhos e a sempre acreditar no meu potencial de ação.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a. Dra. Vera Helena Dentee de Mello, que, desde o primeiro semestre do curso, tem sido minha inspiração tanto como pessoa quanto como profissional. Obrigada por ter, tão prontamente, aceitado embarcar nesta aventura e, principalmente, por toda paciência e dedicação que tiveste comigo.

Aos meus pais, Eloi e Marisa, que não mediram esforços para que eu pudesse chegar até aqui. Vocês me inspiram a ser uma pessoa melhor todos os dias e, por isso, muito do que eu sou hoje devo a vocês. Obrigada por serem luz na minha vida e por sempre me ampararem com tanto amor e carinho.

Às colegas de curso e amigas, lasmin, Vanessa e Djenifer, que compartilharam mais do que conhecimento teórico: compartilharam aprendizados e experiências de vida. Agradeço por todo o suporte e incentivo durante a graduação.

Aos meus amigos, que sempre estiveram ao meu lado me incentivando. Cada um de vocês, a sua maneira, contribuiu para que eu me tornasse essa pessoa curiosa, questionadora e, principalmente, empática ao novo e ao diferente.

Aos professores de quem fui monitora durante a graduação, pessoas maravilhosas que me acolheram tão prontamente em suas turmas. Agradeço por toda a sabedoria e conhecimento compartilhados comigo.

Aos demais professores da Unisinos, que, ao longo da graduação, se revelaram pessoas incríveis e extremamente dedicadas em formar profissionais qualificados e, acima de tudo, humanos.

“Bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver”.
(BENVENISTE, 1989, p. 222).

RESUMO

Segundo Émile Benveniste, a linguagem, a subjetividade e a intersubjetividade são inerentes ao homem. Em outras palavras, o homem, por meio da linguagem, explicita a sua subjetividade e, ao instaurar-se como sujeito, torna-se também, automaticamente, intersujeito. Com base nesse postulado, o objetivo do presente trabalho é mostrar que, na língua em funcionamento, o locutor deixa rastros de sua presença no discurso, por meio dos quais produz sentidos e revela seu “mundo” (a referência). Para tanto, focaliza-se o uso do substantivo em duas notícias, a fim de mostrar que essa forma linguística, em sua sintagmatização com outras formas, faz emergir a intersubjetividade, promovendo semantizações e referência. O principal suporte teórico deste estudo é a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, a qual defende que toda enunciação implica um *eu-tu-aqui-agora*. A fim de contemplar, mais especificamente, as funções semântico-discursivas que podem ser desempenhadas pelo substantivo, consultaram-se: (i) alguns gramáticos considerados tradicionais – Rocha Lima (2005), Cegalla (2008), Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2004) – os quais mencionam, principalmente, a função nomeadora dessa classe gramatical; (ii) alguns linguistas que contemplam a função adjetivadora do substantivo, como Moura Neves (2000 e 2018), Ataliba de Castilho (2014), Vilela e Koch (2001), Basilio (2004) e Perini (2005); (iii) as linguistas Ingedore Koch e Vanda Elias (2018), que abordam a função referenciadora das expressões nominais, cujo núcleo é o substantivo. A metodologia adotada segue o percurso proposto por Benveniste (1989): contempla-se, sucessivamente, o ato enunciativo, a situação em que ele se realiza e os instrumentos de sua realização. O caráter da pesquisa é qualitativo, e a amostra contempla duas notícias publicadas nos veículos de comunicação *Jornal El País Brasil* e *Revista Época*. A análise evidencia que o substantivo, em sintagmatização com outras formas linguísticas – geralmente o adjetivo –, não cumpre apenas uma função nomeadora, podendo ser também adjetivador (qualificador ou especificador) e referenciador textual. Mediante o uso de substantivos, em suas sintagmatizações, o locutor gera sentidos e age sobre o alocutário, buscando levá-lo a partilhar a mesma referência (visão de mundo). Em relação à construção do referente mulher, constata-se que os locutores de ambas as notícias, a partir do uso de substantivos ou outros recursos linguísticos, emitem julgamentos, por vezes negativos, acerca das condutas femininas.

Palavras-chave: Substantivo. Sintagmatização-semantização. Adjetivação.
Referenciação. Teoria da Enunciação.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Aspectos semânticos, sintáticos e morfológicos dos substantivos.....14

LISTA DE SIGLAS

PLG I Problemas de Linguística Geral I

PLG II Problemas de Linguística Geral II

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O SUBSTANTIVO SOB A ÓTICA DE ALGUNS GRAMÁTICOS TRADICIONAIS	13
3 CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA: UM OLHAR ALÉM DA FUNÇÃO NOMEADORA	20
3.1 A FUNÇÃO ADJETIVADORA DO SUBSTANTIVO	20
3.2 O SUBSTANTIVO COMO RECURSO DE COESÃO REFERENCIAL	24
4 CONCEITOS FUNDANTES DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE ÉMILE BENVENISTE	28
4.1 (INTER)SUBJETIVIDADE	29
4.2 FORMA E SENTIDO	32
4.3 FRASE E SINTAGMATIZAÇÃO	36
4.4 REFERÊNCIA	38
5 O SUBSTANTIVO NA LÍNGUA EM FUNCIONAMENTO: MUITO ALÉM DA FUNÇÃO NOMEADORA	40
5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	41
5.2 ANÁLISE ENUNCIATIVA DO TEXTO <i>O AMARGO ADEUS DA DEPUTADA KATIE HILL: “SAIO POR CAUSA DE UMA CULTURA MISÓGINA QUE CONSUMIU MINHAS FOTOS NUA”</i>	41
5.2.1 O ato enunciativo	42
5.2.2 A situação em que se realiza o ato enunciativo	43
5.2.3 Instrumentos linguísticos – o substantivo	44
5.3 ANÁLISE ENUNCIATIVA DO TEXTO <i>DEPUTADA DEMOCRATA EXPOSTA EM FOTOS ÍNTIMAS DECIDE RENUNCIAR AO MANDATO</i>	50
5.3.1 O ato enunciativo	51
5.3.2 A situação em que se realiza o ato enunciativo	51
5.3.3 Instrumentos linguísticos – o substantivo	52
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

Provavelmente, muitos já se fizeram o seguinte questionamento: o que é linguagem? Um postulado de Benveniste (1976, p. 285) é o de que “não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a”. Isso possibilita afirmar que a linguagem é intrínseca ao homem, ou seja, um é requisito para a existência do outro.

Outra afirmação de Benveniste é a de que, “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver”. (BENVENISTE, 1989, p. 222). Essa frase, que se tornou célebre, significa que, mediante a linguagem, nós dizemos de nós e do mundo (sempre através de nossas lentes), agimos sobre o outro e instauramos novas realidades. Ao fazer uso da linguagem, o locutor se torna sujeito e deixa marcas de si em sua enunciação.

Sempre que um locutor almeja expressar alguma ideia, ele acessa seus conhecimentos acerca da língua e mobiliza-os por meio de um ato individual de utilização. Ao apropriar-se de recursos da língua, o locutor constrói um aparelho formal da enunciação, que é sempre único em cada situação comunicativa. Para tanto, ele se vale de índices específicos (dêiticos que remetem ao *eu-tu-aqui-agora*) e de procedimentos acessórios (arranjo sintático de recursos gramaticais e lexicais). Segundo Benveniste, o sentido (semantização) advém da organização de formas linguísticas (sintagmatização), devendo-se conceber forma e sentido sempre conjuntamente.

No entanto, constata-se que, na educação básica, ainda há professores de Língua Portuguesa que trabalham a gramática como um conjunto de regras e de nomenclaturas, centrando-se na forma em detrimento do sentido. Embora muitos professores afirmem adotar como objeto de estudo o texto, quando contemplam algum tópico gramatical, acabam fazendo essa análise em frases isoladas ou extraem um recurso linguístico do texto para classificá-lo.

Diante desse cenário, propomos, no presente trabalho, explorar um tópico da gramática – o substantivo – de modo contextualizado e significativo, com esteio, principalmente, na Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. Assim, traçamos os seguintes objetivos: (i) sustentar que o papel do substantivo não se restringe somente a nomear ou designar os seres em geral; (ii) argumentar que os substantivos são recursos linguísticos que revelam a subjetividade; (iii) mostrar, em

notícias relativas a alguma questão relacionada à mulher, que o locutor, por meio de expressões nominais, constrói sua referência, isto é, sua visão de mundo, no discurso.

As questões que norteiam o presente estudo são as seguintes: (i) que funções semântico-discursivas o substantivo pode desempenhar além da função nomeadora?; (ii) que sentidos e que referências – relacionados à mulher – são coconstruídos mediante o uso de substantivos ou locuções nominais em duas notícias?

Nosso objeto de estudo são duas notícias, de diferentes veículos de comunicação, que relatam a renúncia ao mandato da deputada americana Katie Hill devido à exibição de fotos íntimas com uma assessora de campanha. Nesses dois textos, visamos a analisar que imagem da mulher – especialmente da referida deputada – o locutor busca partilhar com seu alocutário¹ por meio do uso de substantivos ou expressões nominais.

Como já mencionamos, nosso principal suporte teórico é a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. Nessa perspectiva teórica, todo ato enunciativo é intersubjetivo, isto é, implica um *eu* (locutor) e um *tu* (alocutário), e situa-se num *aqui* (espaço em que a enunciação acontece) e num *agora* (tempo em que se dá a enunciação). Benveniste também postula que forma e sentido são noções que não podem ser divorciadas no estudo da língua, pois, na frase (língua em uso), a organização de formas linguísticas (sintagmatização) produz sentido (semantização) e referência (“mundo” do locutor coconstruído com o alocutário no discurso).

O trabalho está organizado em seis capítulos: introdução; o substantivo sob a ótica de alguns gramáticos tradicionais; contribuições da linguística: um olhar além da função nomeadora; conceitos fundantes da teoria da enunciação de Émile Benveniste; o substantivo na língua em funcionamento: uma breve análise enunciativa; e considerações finais.

Nesta introdução (capítulo um), buscamos deixar clara a delimitação do tema, os objetivos que traçamos ao iniciarmos o trabalho e as questões a que procuramos responder. Também explicitamos por que julgamos pertinente este estudo e qual a principal teoria que ampara a análise.

¹ Neste trabalho, empregamos os termos “alocutário”, “interlocutor” e “leitor” como equivalentes.

No segundo capítulo, apresentamos de que forma alguns gramáticos tradicionais – Carlos Henrique da Rocha Lima (2005), Domingos Paschoal Cegalla (2008), Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra (2008) e Evanildo Bechara (2004) – contemplam o substantivo. Nosso propósito é observar em que medida esses estudiosos abordam os sentidos que o emprego do substantivo pode produzir.

No terceiro capítulo, explicitamos, primeiramente, as contribuições de alguns linguistas segundo os quais o substantivo pode desempenhar uma função adjetivadora. Nessa etapa, consultamos Maria Helena de Moura Neves (2000 e 2018), Ataliba Teixeira de Castilho (2014), Mário Vilela e Ingedore Villaça Koch (2001), Margarida Basilio (2004) e Mário Alberto Perini (2005). Na segunda subseção desse capítulo, apresentamos o papel do substantivo como recurso coesivo, com base no estudo das anáforas nominais desenvolvido por Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2018).

No quarto capítulo, discorremos sobre alguns conceitos fundantes da teoria enunciativa de Émile Benveniste que julgamos essenciais para a construção deste trabalho. Nessa teoria, consideramos que algumas noções são essenciais para o desenvolvimento do nosso estudo: (inter)subjetividade; forma e sentido; frase e sintagmatização; e referência.

No quinto capítulo, antes de desenvolvermos a análise, explicitamos os procedimentos metodológicos adotados em nosso trabalho. Após, realizamos uma breve análise enunciativa do papel semântico-discursivo do substantivo em duas notícias que tratam do mesmo episódio em que se envolveu uma deputada americana.

No sexto e último capítulo, apresentamos algumas reflexões derivadas da pesquisa bibliográfica realizada e da análise enunciativa desenvolvida neste trabalho. Nessa seção, retomamos os objetivos traçados e as interrogações que nortearam o trabalho, com vistas a avaliar em que medida os objetivos foram atingidos e a responder às nossas indagações iniciais.

2 O SUBSTANTIVO SOB A ÓTICA DE ALGUNS GRAMÁTICOS TRADICIONAIS

Neste capítulo, apresentamos, brevemente, o estudo do substantivo sob a ótica de algumas gramáticas tradicionais: *Gramática normativa da língua portuguesa* (2005), de Carlos Henrique da Rocha Lima; *Novíssima gramática da língua portuguesa* (2008), de Domingos Paschoal Cegalla; *Nova gramática do português contemporâneo* (2008), de Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra; e *Moderna gramática portuguesa* (2004), de Evanildo Bechara. Nosso objetivo é observar se tais gramáticas contemplam as funções semânticas do substantivo e, quando é destinado um espaço ao sentido do substantivo, analisamos como esse estudo é desenvolvido.

Cabe destacar que poderíamos, talvez, nesta fundamentação teórica, trazer somente as contribuições de alguns linguistas cuja teoria aborda os valores semânticos de classes gramaticais. No entanto, julgamos relevante consultar também algumas gramáticas² tradicionais, a fim de sermos justos com o legado que deixaram, uma vez que todo grande linguista, antes de produzir sua teoria, “bebeu na fonte” da gramática tradicional.

Para melhor elucidar a visão de cada autor sobre o substantivo, elaboramos um quadro em que são apresentadas as definições e as características formais da classe gramatical do substantivo formuladas pelos gramáticos pesquisados. Categorizamos os aspectos abordados pelos gramáticos como semânticos, sintáticos e morfológicos:

- no primeiro aspecto, em que é transcrita a definição de substantivo, apresentamos o conceito, ou seja, seus traços semânticos;
- no segundo, são elencadas, conforme as gramáticas, as funções sintáticas que o substantivo pode desempenhar na frase;
- no terceiro, são expressas as características morfológicas do substantivo, de acordo com os gramáticos.

² Um dos critérios de escolha das quatro gramáticas aqui contempladas é a sua importância quando se trata do estudo das normas linguísticas do registro formal. Outro critério é o grau de normatividade: numa análise preliminar, podemos afirmar que os dois primeiros gramáticos são mais normativistas, ao passo que a abordagem de Cunha e Cintra é um pouco mais “arejada”, e Bechara, por sua vez, é o menos prescritivo dos gramáticos, pois se vale, em várias partes da obra referida, de teorias linguísticas. Poderíamos, em nossa concepção, considerar Bechara um “gramático-linguista”.

Quadro 1 – Aspectos semânticos, sintáticos e morfológicos dos substantivos

GRAMÁTICOS	ASPECTOS ANALISADOS		
	SEMÂNTICOS	SINTÁTICOS	MORFOLÓGICOS
Rocha Lima (2005, p. 66, 288, grifo do autor)	“é a palavra com que nomeamos os seres em geral, as qualidades, ações, ou estados, considerados em si mesmos, independentemente dos seres com que se relacionam”.	“o substantivo figura na frase como NÚCLEO das seguintes funções: sujeito; objeto direto; objeto indireto; complemento proposicional; objeto relativo; complemento nominal; aposto; vocativo; complemento circunstancial; predicativo de orações nominais; anexo predicativo do sujeito, em orações mistas; anexo predicativo do objeto direto, em orações mistas; agente da voz passiva”.	pode ser flexionado em gênero, número e gradação.
Cegalla (2008, p. 130)	“são palavras que designam os seres”.	“exercem na frase diversas funções sintáticas: sujeito, objeto direto, objeto indireto, etc”.	flexionam em gênero, número e grau.
Cunha e Cintra (2008, p. 191, grifo do autor)	“é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral. São, por conseguinte, substantivos: a) os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um gênero, de uma espécie ou de um dos seus representantes. b) os nomes de noções, ações, estados e qualidades, tomados como seres”.	“é a palavra que serve, <i>privativamente</i> , de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva”.	pode variar em número, gênero e grau.
Bechara (2004, p. 112, 117, 140, 141, grifos do autor)	“é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos <i>objetos substantivados</i> , isto é, em primeiro lugar, substâncias (<i>homem, casa, livro</i>) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (<i>bondade,</i>	“exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial”.	flexiona em número, caso (nas línguas que possuem) e gênero. Deriva em aumentativo e diminutivo.

	<i>brancura</i>), estados (<i>saúde, doença</i>), processos (<i>chegada, entrega, aceitação</i>)”.		
--	---	--	--

Fonte: Elaborado pela autora do TCC.

Cabe ressaltar, primeiramente, que a definição de substantivo apresentada por todos os gramáticos consultados tem como base o critério semântico, uma vez que são postos em relevo traços semânticos, como nomeação (ou designação) – Cegalla, Rocha Lima e Cunha e Cintra – e substância (Bechara).

Cegalla, em nenhum momento, menciona que o substantivo também pode expressar qualidades ou estados. Porém, pensamos que o termo “seres”, na definição de substantivo apresentada por esse gramático, é bastante abrangente, podendo abarcar coisas abstratas, como qualidades, estados e ações. Na definição formulada por Rocha Lima, ainda que seja ressaltada a função designadora do substantivo, é também mencionada a possibilidade de qualidades, ações ou estados serem expressos por meio de substantivos. Cunha e Cintra também põem em relevo o papel de nomeação e designação que tem o substantivo, mas acrescentam que, por meio dessa classe gramatical, podemos, inclusive, exprimir noções, ações, estados e qualidades.

Dos gramáticos analisados nesta seção, Bechara é quem mais explora o sentido do substantivo. O estudioso defende que substantivo “é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*”. (BECHARA, 2004, p. 112, grifo do autor). Em seguida, explica que os objetos substantivos são divididos em duas categorias: “substâncias e [...] objetos mentalmente apreendidos como substâncias”. (BECHARA, 2004, p. 112). No primeiro caso, estão abrangidas as substâncias que existem independentemente, como, por exemplo, *homem, casa, livro*³. Já, no segundo caso, estão abrangidas as três categorias de substâncias que existem dependentemente: qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*) e processos (*chegada, entrega, aceitação*)⁴.

A definição proposta por Bechara evidencia que o autor concebe a classe dos substantivos como um inventário aberto, ao afirmar que é uma classe de lexema. Além disso, prevê que diferentes noções podem estar implicadas no que denomina “substância”, como qualidades, estados e processos. Em outras palavras, não são

³ Exemplos apresentados por Bechara (2004, p. 112).

⁴ Exemplos apresentados por Bechara (2004, p. 112).

somente os adjetivos que exprimem estado ou qualidade, podendo os substantivos também conter essas noções, apreendidas como substâncias, isto é, termos autônomos, que existem por si.

Rocha Lima, assim como alguns dos outros autores, também não foge da noção tradicional de substantivo como palavra utilizada para nomeação dos seres em geral. No entanto, diferencia-se de alguns dos outros autores, ao destacar, já em sua definição, que os substantivos também podem indicar qualidades, ações e estados.

Em relação à classificação dos substantivos, todos os autores mencionam, em algum momento, que essa classe pode apresentar as seguintes divisões: concreto/abstrato, próprio/comum, simples/composto, primitivo/derivado, coletivo. Além disso, outro fator compartilhado pelos gramáticos refere-se às regras de formação do gênero feminino e do número plural: todos apresentam quais seriam os processos de formação dessas categorias.

Quando os gramáticos contemplam a flexão de grau, não restringem sua contribuição apenas à forma, ou seja, às regras de formação do diminutivo e do aumentativo. Rocha Lima, ainda que muito brevemente, contempla, com um olhar semântico, a flexão de grau. O gramático menciona que o aumentativo e o diminutivo sintéticos – formados pela adição de um sufixo ao substantivo – podem apresentar as seguintes ideias: de desprezo (*sabichão, poetastro*) ou de intimidade (*ele é um amigalhão*) quando realizado o uso do aumentativo; e de carinho (*limpinho, bonitinho*) quando realizado o uso de diminutivo⁵. (ROCHA LIMA, 2005).

Assim como Rocha Lima, Cegalla faz menção ao sentido quando aborda a flexão em grau dos substantivos. O autor observa que o uso do aumentativo e do diminutivo pode, além da ideia de grandeza ou pequenez, expressar noções pejorativas, depreciativas ou carinhosas. (CEGALLA, 2008).

Acerca das funções sintáticas dos substantivos, é possível observar que os gramáticos preconizam questões formais (estruturais). Há uma preocupação em definir quais são as funções sintáticas que o substantivo pode vir a ocupar. Alguns se limitam a apresentar algumas poucas funções, enquanto outros exploram um panorama mais vasto. Apesar de existirem divergências, conseguimos observar

⁵ Exemplos apresentados por Rocha Lima (2005, p. 86).

algumas confluências, isto é, todos abarcam as seguintes funções sintáticas: sujeito, objeto direto e objeto indireto.

Cunha e Cintra destinam um espaço significativo aos sentidos promovidos pelo uso da flexão de grau, quando explicam o valor semântico das formas aumentativas e diminutivas. Segundo eles, não se deve associar aumentativo e diminutivo, exclusivamente, à ideia de diminuição ou aumento do tamanho de alguma coisa, pois a gradação, frequentemente, produz sentidos diversos. Para os autores, “os sufixos aumentativos de regra emprestam ao nome as ideias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível”. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 212). *Exemplos: narigão, porcalhão, beijorra*⁶. Já em relação ao diminutivo, os autores o explicam por intermédio de uma citação direta de Silvia Skorge⁷:

O emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar ideias ou reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona – quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um impulso negativo: troça, desprezo, ofensa. Assim, se encontra no sufixo diminutivo um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes também mais vaga. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 212).

Ao introduzirem, em sua explanação sobre o grau, a nota de Silvia Skorge, Cunha e Cintra sinalizam a importância que o locutor (“aquele que fala ou escreve”) possui na construção de sentidos. Isso evidencia que, embora o texto não seja seu objeto de estudo, esses gramáticos não ignoram a intersubjetividade⁸ (relação *eu-tu*), que é um *a priori* de toda enunciação.

A respeito da variação de grau, Bechara destaca que os substantivos não podem flexionar, mas que podem realizar dois processos de derivação: sintético (*homenzarrão, homenzinho*) ou analítico (*homem grande, homem pequeno*)⁹. Além disso, Bechara também chama atenção para os aumentativos e os diminutivos afetivos e para a diversidade de sentidos que podem promover no texto:

⁶ Exemplos apresentados por Cunha e Cintra (2008, p. 212).

⁷ SKORGE, Silvia. *Boletim de Filologia*. Lisboa, 17: 50-51, 1958.

⁸ A intersubjetividade é uma das noções fundantes da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, a qual constituirá a principal base teórica na análise que empreendemos neste trabalho. No capítulo quatro, é explicitada a noção de intersubjetividade, além de outros postulados de Benveniste.

⁹ Exemplos apresentados por Bechara (2004, p. 140).

Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte. (BECHARA, 2004, p. 141).

Nessa citação, observamos que Bechara, assim como Cunha e Cintra, também reconhece, quando se refere ao “falante e ouvinte”, a relação de intersubjetividade. Além disso, o autor chama atenção à situação em que ocorre o ato enunciativo: “os entornos”. Em outras palavras, seria a relação espaço e tempo linguístico (*aqui-agora*)¹⁰, presentes em todo ato enunciativo.

Por fim, Bechara, ao abordar a função sintática do substantivo, introduz a ideia de substantivação defendida por ele: há “elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo objeto é a realidade não-linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em ‘substantivos’ – no plano da metalinguagem do discurso”. (BECHARA, 2004, p. 141). São exemplos de substantivação: (i) derivação de verbo: **O poder é perigoso**¹¹; (ii) derivação de adjetivo: **A estudiosa está sempre em busca de novos aprendizados**¹²; (iii) derivação de advérbio: *Entendemos que o sim é a resposta adequada neste caso*¹³.

Com base no que foi exposto acima, é possível perceber que os autores, ao abordarem a classe dos substantivos, focam, principalmente, na forma. Dos autores analisados, Cunha e Cintra e Bechara são os que concedem um espaço maior ao sentido dos substantivos. No entanto, não são espaços muito amplos, pois as funções semânticas do substantivo só podem ser mais profundamente analisadas quando se desvenda o texto.

Cabe sublinhar que a gramática tradicional não atribui relevo às funções semântico-discursivas dos substantivos, porque seu principal objetivo é explicitar as regras que devem nortear o uso da língua na variedade formal. Além disso, o sentido do substantivo só pode, efetivamente, ser apreendido quando se analisa seu papel na organização dos campos semânticos e nas cadeias coesivas que se formam quando um texto é tecido. Como o objeto de estudo da gramática tradicional circunscreve-se aos limites do período composto, é compreensível o fato de que,

¹⁰ No capítulo quatro, explicitaremos a noção *aqui-agora*, de acordo com a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste.

¹¹ Exemplo elaborado pela autora do TCC.

¹² Exemplo elaborado pela autora do TCC.

¹³ Exemplo elaborado pela autora do TCC.

embora contemple a significação em alguns momentos, não aborda os efeitos de sentido produzidos na língua em funcionamento.

Considerando que nosso objetivo é focalizar os sentidos promovidos pelo uso do substantivo no texto, precisamos pesquisar outras fontes a fim de obtermos uma visão mais ampla desse item lexical como constituinte sintagmático e textual. Assim, na próxima seção, buscaremos subsídios em estudos de alguns linguistas para a análise dos diversos papéis que o substantivo pode desempenhar.

3 CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA: UM OLHAR ALÉM DA FUNÇÃO NOMEADORA

Nesta seção, trazemos, brevemente, contribuições teóricas de alguns linguistas¹⁴ que contemplam o uso do substantivo na língua em funcionamento. Focamos, primeiramente, as considerações acerca das funções semânticas qualificadoras do substantivo. Para tanto, analisamos os seguintes autores e obras: Maria Helena de Moura Neves, em *Gramática de usos do português* (2000) e em *A gramática do português revelada em textos* (2018); Ataliba Teixeira de Castilho, em *Nova gramática do português brasileiro* (2014); Mário Vilela e Ingedore Villaça Koch, em *Gramática da língua portuguesa* (2001); Margarida Basilio, em *Formação e classes de palavras no português do Brasil* (2004); e Mário Alberto Perini, em *Gramática descritiva do português* (2005). Num segundo momento, apresentamos algumas reflexões acerca do papel do substantivo como recurso coesivo, com esteio nas reflexões das autoras Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias¹⁵, em *Ler e escrever: estratégias de produção textual* (2018¹⁶).

3.1 A FUNÇÃO ADJETIVADORA DO SUBSTANTIVO

Os linguistas consultados refletem acerca da dificuldade de delimitar a classe dos substantivos, por ser tênue o limite entre estes e os adjetivos, principalmente. Para Vilela e Koch (2001, p. 186), “a delimitação dos substantivos nem sempre é fácil”, pois o substantivo pode apresentar características similares às dos adjetivos, dos verbos e dos advérbios. (VILELA; KOCH, 2001). Além disso, os autores afirmam que um dos fatores que dificulta a delimitação dos substantivos é o fato de os substantivos abstratos (principalmente) poderem indicar propriedades como os adjetivos.

Perini aborda o substantivo juntamente com o adjetivo, justificando que a fronteira entre essas duas classes gramaticais não é muito clara. Segundo ele, “a

¹⁴ A escolha dos cinco autores consultados justifica-se por sua relevante contribuição ao campo da linguística e por seus avanços quanto às funções adjetivadoras dos substantivos.

¹⁵ Ingedore Koch é um dos principais nomes da linguística textual, e Vanda Elias destaca-se nas áreas de leitura, produção de textos e ensino de Língua Portuguesa. A obra *Ler e escrever* é uma referência no estudo do texto e da referenciação. Por isso, optamos por utilizar esse livro na segunda subseção deste capítulo.

¹⁶ O livro foi publicado pela primeira vez em 2009.

separação entre substantivos e adjetivos é tão pouco marcada que há razões para duvidar da existência de duas classes distintas”. (PERINI, 2005, p. 321).

Perini, assim como Vilela e Koch, não especifica quais seriam as funções adjetivadoras que os substantivos poderiam desempenhar. Ademais, argumenta, ao analisar as diferenças entre substantivo e adjetivo, que existem alguns grupos a serem observados, dos quais três interessam neste trabalho. O primeiro apresenta os seguintes traços: [+NSN, +Mod]¹⁷. Nesse grupo, estão contempladas palavras como: *inimigo, fazendeiro, verde, velho*¹⁸. O segundo contém os seguintes traços: [+NSN, -Mod]. Nesse grupo, são contempladas palavras como: *Patrícia, cabelo*¹⁹. Já o terceiro admite os seguintes traços: [-NSN, +Mod]. Aqui são contempladas palavras como: *exato, presidencial, materno*²⁰.

O autor adverte que palavras que possuem ambos os traços (NSN e Mod) não pertencem ora a uma classe ora a outra; na verdade, são palavras “cujo potencial funcional inclui tanto a possibilidade de ser núcleo de um SN quanto a de ser modificador”. (PERINI, 2005, p. 323). Outro aspecto destacado por Perini refere-se a palavras como *fazendeiro*²¹, que desempenham, em alguns casos, o papel de modificador, mas que jamais são consideradas adjetivos. (PERINI, 2005, p. 322-323). Com base nessas reflexões de Perini, podemos concluir que o linguista compreende que alguns substantivos podem funcionar como modificadores de outros substantivos, traço semântico que é característico da classe dos adjetivos.

Assim como Perini, Basilio (2004) também opta por apresentar a classe dos substantivos em conjunto com a dos adjetivos. A autora, inclusive, já no título, instiga o leitor a refletir sobre a débil fronteira entre as duas classes, lançando um questionamento: “adjetivo ou substantivo?”. Em seguida, explica que isso acontece, porque existem palavras que são capazes de realizar a conversão plena, isto é, “quando a palavra de uma classe apresenta também todas as propriedades de outra classe, temos duas palavras distintas, uma em cada classe”. (BASILIO, 2004, p. 79). Um exemplo disso seria a palavra *doce*²², uma vez que pode ser usada tanto como

¹⁷ Esclarecemos que NSN significa “núcleo do sintagma nominal”, o qual será sempre um substantivo, quando esse sintagma é complexo (possui mais de um termo). Mod, por sua vez, significa “modificador” (elemento gramatical, comumente adjetivo, que modifica outro, o substantivo). Os sinais + e – indicam, respectivamente, a presença e a ausência do traço.

¹⁸ Exemplos apresentados por Perini (2005, p. 323).

¹⁹ Exemplos apresentados por Perini (2005, p. 323).

²⁰ Exemplos apresentados por Perini (2005, p. 323).

²¹ Exemplo apresentado por Perini (2005, p. 323).

²² Exemplo apresentado por Basilio (2004, p. 79).

adjetivo quanto como substantivo. No primeiro caso, expressa “a propriedade de ter sabor como o de açúcar, a qual pode ser atribuída a diferentes objetos: bala, suco, fruta, sorvete etc.”. (BASILIO, 2004, p. 80). *Exemplo: Esse bolo está muito doce*²³. No segundo caso, expressa “um produto culinário que tem a propriedade denotada pelo adjetivo” (BASILIO, 2004, p. 80): *Este doce está uma delícia!*²⁴. Importante frisar que, conforme Basilio, é preciso pensar nessas palavras como sendo duas palavras distintas, inseridas em duas classes diferentes.

A autora destaca que o substantivo pode assumir, além da função designadora, três funções semânticas que são, comumente, atribuídas ao adjetivo: qualificar, especificar e caracterizar. Para Basilio (2004, p. 86), “há situações em que substantivos qualificam, caracterizam ou especificam substantivos”, mas isso não quer dizer que os substantivos irão tornar-se adjetivos. Como exemplo, cita nomes de agente formados pelo acréscimo do sufixo “-dor” a uma base verbal (*comprador*), os quais “denotam um ser caracterizando-o pelo exercício ou prática de uma ação ou atividade”. (BASILIO, 2004, p. 86).

De acordo com Ataliba de Castilho (2014, p. 455), substantivos e adjetivos “compartilham um grande número de traços mórficos”, o que torna difícil conseguir distingui-los se forem analisados apenas do ponto de vista morfológico. O linguista evidencia outro fator que dificulta a distinção entre as duas classes: o processo de nominalização. Nesse processo, acrescenta ele, palavras pertencentes a outras classes sofrem alterações e transformam-se em substantivos ou em adjetivos. Apoiado em Cunha e Cintra, salienta que, para delimitar cada categoria gramatical, é preciso levar em conta, além do critério morfológico, os critérios sintático e semântico. (CASTILHO, 2014).

Nas palavras de Castilho (2014, p. 469), “o substantivo tem por propriedade básica referenciar”, o que pode ser compreendido como o processo de nomeação ou de designação. O autor explica que, canonicamente, a palavra “referência” remete à relação existente entre as palavras e os seres ou estados de coisas do mundo extralinguístico. A definição de substantivo, nas gramáticas tradicionais, justamente remete a esse sentido de referência, pois o papel dessa classe gramatical seria nomear ou designar os seres do mundo. No entanto, Castilho ressalva, com base

²³ Exemplo apresentado por Basilio (2004, p. 80).

²⁴ Exemplo apresentado por Basilio (2004, p. 80).

em Marcuschi e Koch²⁵, que a referência é construída no texto por meio de diversos mecanismos linguísticos²⁶, não havendo, pois, uma relação direta entre as palavras e as coisas.

Moura Neves, na *Gramática de usos do português* (2000), diferentemente dos autores acima, não entra na questão da complexidade em distinguir substantivo e adjetivo. No entanto, a linguista, logo nas primeiras páginas do capítulo destinado ao substantivo, menciona que este “pode assumir a função classificadora ou qualificadora própria do adjetivo, tanto em posição adnominal como em posição predicativa”²⁷. (NEVES, 2000, p. 73). Desse modo, compreende-se que a autora também contempla a proximidade das duas classes.

No capítulo destinado aos adjetivos, a autora sublinha a função adjetivadora do substantivo:

Um substantivo pode deixar de ser referencial e funcionar como se fosse um adjetivo. Ele pode atribuir o conjunto de propriedades que indica, como se fosse uma única propriedade, a um outro substantivo, isto é, atuar como qualificador ou como classificador. (NEVES, 2000, p. 175).

Neves deixa claro que substantivos podem, em determinadas situações, funcionar não como designadores (nomeadores), mas como adjetivadores. Neste último caso, os substantivos podem operar como qualificadores ou como classificadores de outros substantivos, isto é, podem qualificar ou especificar o substantivo.

Em *A gramática do português revelada em textos* (2018), Moura Neves distingue, inicialmente, duas grandes subclasses de substantivos: os que nomeiam classes, tipos ou espécies (comuns) e os que nomeiam “indivíduos específicos” (2018, p. 231), que são os substantivos próprios. Segundo a autora, os verdadeiros nomes, conforme o senso comum, são os substantivos próprios, por meio dos quais se nomeiam pessoas, lugares, instituições, livros. Os substantivos comuns, por sua

²⁵ MARCUSCHI, Luiz Antonio; KOCH, Ingedore G. Villaça. *Referenciação*. In: JUBRAN, Clélia; KOCH, Ingedore G. Villaça. (Orgs.) 2006: 381-399.

²⁶ Cumpre observar que, em 3.2, abordamos o papel do substantivo na referenciação, isto é, no processo de remissão a objetos de discurso (referentes). Na Teoria da Enunciação benvenistiana (contemplada no capítulo quatro deste trabalho), é usado o termo “referência” no sentido de visão de mundo do locutor, coconstruída na enunciação.

²⁷ Quando Neves cita as posições adnominal e predicativa do substantivo, ela se refere às funções sintáticas de adjunto adnominal (*A polícia apreendeu mais de mil CDs piratas*) e de predicativo (*Essa empresa é uma gigante na área da informática*) que o substantivo pode desempenhar.

vez, não identificam o elemento nomeado, mas o inserem em determinada classe, cujas propriedades o definem.

Quando trata dos substantivos comuns, a linguista apresenta uma subseção intitulada “O substantivo com função qualificadora ou classificadora (função de adjetivo)” (2018, p. 251). Segundo a autora, quando o substantivo assume a função sintática de adjunto adnominal, posicionando-se à direita de outro substantivo que é o núcleo do sintagma nominal, ele assume uma função própria do adjetivo. Da mesma forma, o substantivo na função de predicativo do sujeito, aproxima-se da classe dos adjetivos, pois, nesse caso, o substantivo não está na construção sintática para fazer uma referência (nomear algo ou alguém), mas “para fazer uma atribuição” (2018, p. 252), isto é, para atribuir uma propriedade ao sujeito. Neves (2018, p. 252) apresenta os seguintes exemplos, entre outros:

(i) *Não podia saber se o dinheiro vinha de uma conta **fantasma**. (adjunto adnominal).*

(ii) *E olhe que aquilo é muito **mulher**. (núcleo do predicativo do sujeito).*

A partir dos estudos desses linguistas, podemos concluir que os limites entre a classe do substantivo e a classe do adjetivo são muito tênues. Isso porque, por vezes, os substantivos podem deixar de cumprir a sua função designadora (nomeadora) e passar a desempenhar uma função adjetivadora: qualificar, especificar ou caracterizar.

3.2 O SUBSTANTIVO COMO RECURSO DE COESÃO REFERENCIAL

Nesta subseção, contemplamos o conceito de referência e, mais especificamente, o papel do substantivo como referenciador textual. Apoiamos nossas reflexões no estudo desenvolvido pelas linguistas Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias no seguinte livro: *Ler e escrever: estratégias de produção textual* (2018)²⁸.

Em *Ler e escrever* (2018), Koch e Elias explicitam o conceito de referência: “a referência, bem como a progressão referencial, consiste na

²⁸ Além do livro *Ler e escrever*, também consultamos o livro *Ler e compreender: os sentidos do texto* (2018), de Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias. No entanto, optamos por não utilizar este como referência direta, uma vez que é anterior ao primeiro citado. *Ler e escrever* foi publicado pela primeira vez em 2009, e a primeira publicação de *Ler e compreender* ocorreu em 2006. Além disso, as duas obras tratam das anáforas nominais (tópico que nos interessa) de forma semelhante.

construção e reconstrução de objetos de discurso. [...] A referenciação constitui, portanto, uma atividade discursiva”. (KOCH; ELIAS, 2018, p. 133-134). É importante lembrar que, conforme mencionado anteriormente, o sentido de referenciação difere do sentido de referência da tradição gramatical e linguística: o conceito canônico de referência diz respeito à relação entre as palavras e os seres do mundo, ao passo que o termo referenciação tange aos mecanismos de coesão referencial.

De acordo com Koch e Elias (2018), escolhemos os referentes de acordo com os nossos “óculos sociais”²⁹, isto é, de acordo com as nossas percepções e crenças de mundo. Por isso, nossos referentes não são, necessariamente, fidedignos à realidade, mas concebidos no próprio texto, em conformidade com o nosso propósito comunicativo e com o nosso *background*³⁰ de mundo. Em vista disso, deve-se substituir referência por referenciação, pois

as formas de referenciação, longe de se confundirem com a realidade extralinguística, são escolhas realizadas pelo produtor do texto orientadas pelo princípio da intersubjetividade, razão pela qual os referentes são construídos e reconstruídos ao longo do processo de escrita. (KOCH; ELIAS, 2018, p. 134).

Cabe destacar, primeiramente, que a ideia de intersubjetividade defendida por Koch e Vanda Elias vai ao encontro da noção proposta pelo linguista francês Émile Benveniste. Em outras palavras, os recursos de referenciação são mobilizados pelo *eu* em sua relação com o *tu*, ambos presentes em toda situação de enunciação.

Também cabe esclarecer que o conceito de referenciação – processo de construção e reconstrução dos objetos do discurso ao longo do texto – não se confunde com o conceito de referência da Teoria da Enunciação proposta por Benveniste. Para este autor, a referência integra a enunciação e remete ao ponto de vista do locutor em sua comunhão com o interlocutor. Defendemos a ideia de que a referenciação é um dos procedimentos linguístico-discursivos por meio dos quais o enunciador cria a referência. No capítulo quatro, explicitamos melhor a noção de referência benvenistiana, que é fundamental na análise a ser desenvolvida.

Consoante Koch e Elias (2018), as expressões nominais podem desempenhar cinco funções semânticas dentro de um texto: (i) organização do texto, quer no nível micro, quer no nível macroestrutural; (ii) recategorização dos

²⁹ BLIKSTEIN, Isidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix, 1985.

³⁰ Expressão inglesa com sentido de conhecimentos prévios. No contexto da frase, exprime a ideia de conhecimentos prévios de mundo que o indivíduo possui.

referentes; (iii) explicação de termos por meio de sinonímia e hiperonímia, bem como definição de termos que se pressupõem desconhecidos do leitor; (iv) sumarização/encapsulamento de segmentos textuais antecedentes ou subsequentes, por meio de rotulação; (v) orientação argumentativa do texto.

Em nosso estudo, focaremos apenas as quatro últimas funções semânticas, uma vez que, normalmente, estas são expressas mediante o uso do substantivo e revelam as percepções e visões de mundo do locutor. A seguir, explicitamos cada uma delas.

1) Recategorização de referentes (KOCH; ELIAS, 2018, p. 149): quando um referente é introduzido no texto, ele passa a integrar uma categoria. No momento em que esse referente é retomado, ele pode sofrer alterações ou acréscimos. Quando isso acontece, ele passa a integrar outra(s) categoria(s), além da inicial.

Ex.: *À porta da igreja, **um menino** pedia esmola. **O pobrezinho** tremia de frio.*³¹

2) Explicação de termos por meio de sinonímia e hiperonímia, bem como definição de termos que se pressupõem desconhecidos do leitor (KOCH; ELIAS, 2018, p. 150): nesse caso, o referente introduzido não é muito conhecido ou é muito específico a uma área, sendo retomado por um sinônimo mais conhecido ou por um hiperônimo³². Também é possível retomar o referente anunciando uma definição ou um esclarecimento.

Ex.: *Duas mulheres foram à **Nova Zelândia** para ver o pai, que estava doente e morreu; por compaixão, elas tiveram permissão para deslocar-se internamente **no país** mesmo antes do resultado do teste de Covid-19.*³³

3) Sumarização/encapsulamento de segmentos textuais antecedentes ou subsequentes, por meio de rotulação (KOCH; ELIAS, 2018, p. 152): ao processo de sumarização, por meio de uma forma pronominal ou nominal, de todo um trecho anterior ou posterior do texto, chamamos de encapsulamento. Esse processo pode acontecer de duas maneiras: ou por meio do uso de pronomes demonstrativos

³¹ Exemplo elaborado pela autora do TCC.

³² Relação de sentido que vai do mais amplo para o mais específico. Por exemplo: animal é hiperônimo de gato.

³³ Exemplo de referenciação por hiperonímia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/16/depois-de-uma-semana-nova-zelandia-nao-esta-mais-livre-de-covid-19-ha-dois-casos-importados.ghtml>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

neutros (*isto, isso, aquilo, o*) ou então por meio de expressões nominais, sendo este último chamado de rotulação.

Ex.: *Os dados estatísticos são alarmantes: apenas em Minas Gerais, de janeiro a junho de 2015, 283 mulheres foram assassinadas. Mas o pior é que parece não haver mais indignação para essa barbárie.*³⁴

4) Orientação argumentativa do texto (KOCH; ELIAS, 2018, p. 154): expressões nominais e rótulos são importantes ferramentas argumentativas, pois é a partir delas que o leitor é direcionado a uma determinada conclusão, bem como percebe a orientação argumentativa de quem escreve.

Ex.: *O ministro do STF Gilmar Mendes não foi comedido em suas críticas a atitudes do Governo Federal. Em longo voto, ressaltou a importância de decisões de gestores públicos por se guiarem em critérios técnicos. "Não podemos é sair aí a receitar cloroquina e tubaína, não é disso que se cuida! O relator deixou isso de maneira evidente, é preciso que haja responsabilidade técnica!"*

*Em outro momento, afirmou que a "Constituição Federal não autoriza ao presidente da República a política genocida na gestão da saúde".*³⁵

No término deste capítulo, podemos afirmar que os linguistas consultados trazem importantes contribuições ao estudo do substantivo, visto que ampliam o papel dessa classe gramatical, ultrapassando a função nomeadora, mencionada pelas gramáticas tradicionais. Em suas reflexões, destacam-se o limite tênue entre o substantivo e o adjetivo e as funções adjetivadora e referenciadora do substantivo.

No próximo capítulo, procuramos esclarecer conceitos da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste que consideramos pertinentes ao estudo desenvolvido neste trabalho.

³⁴ Exemplo de encapsulamento por rotulação. Disponível em: <<http://ngrevista.com.br/violencia-patrimonial-tem-passado-despercebida-no-direito-das-familias-edicao-de-outubro-2015/>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

³⁵ Exemplo de orientação argumentativa do texto. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2020-mai-21/agente-publico-comete-erro-grosseiro-descumpre-norma-cientifica>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

4 CONCEITOS FUNDANTES DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE ÉMILE BENVENISTE

Uma vez que o foco do nosso estudo é mostrar que o substantivo é um dos recursos linguísticos mobilizados pelo locutor para dizer-se e dizer do mundo (de seu mundo) ao alocutário, optamos por apresentar, neste capítulo, algumas noções da Teoria da Enunciação benvenistiana que julgamos relevantes para compreender melhor o papel dessa forma linguística na produção de sentidos. Com esteio nessa teoria, podemos afirmar que o locutor, ao relacionar o substantivo com outras palavras (sintagmatização), promove sentidos (semantização) e constrói, com o alocutário, a referência em sua enunciação. Focalizaremos as noções de (inter)subjetividade, forma-sentido, frase/sintagmatização e referência, as quais são fundamentais no desenvolvimento da análise, a ser empreendida no capítulo 5.

Conforme Flores (2013, p. 21), estima-se que Émile Benveniste (1902-1976) tenha escrito cerca de “18 livros, quase 300 artigos, mais de 300 resenhas e 34 comunicações”. Com um repertório tão vasto, faz-se necessário restringir quais obras e quais noções norteiam o presente estudo.

Como principais textos para a fundamentação teórica de nossa proposta de análise, valemo-nos das obras *Problemas de linguística geral I e II*³⁶, publicados no Brasil, pela primeira vez, em 1976 e 1989, respectivamente. Essas obras reúnem artigos escritos por Benveniste entre 1939 e 1970, nos quais são discutidas as noções fundantes da Teoria da Enunciação proposta por ele. Cabe sublinhar que Benveniste usa o substantivo “problemas” no título dos dois livros, o que leva o leitor a entender que não se trata de uma teoria acabada, mas são reflexões e questionamentos do autor acerca da linguística geral. Além disso, ele não usa a expressão “teoria da enunciação”, porém os estudiosos de suas obras observam que, em suas reflexões, delineiam-se os fundamentos de uma teoria de base enunciativa.

Também consultamos as obras *Introdução à Teoria Enunciativa de Benveniste* (2013), *Enunciação e gramática* (2013), *Introdução à Linguística da*

³⁶ Esses livros serão referidos, ao longo deste trabalho, a partir de agora, pelas siglas PLGI e PLGII, respectivamente.

Enunciação (2017) e *Dicionário de Linguística da Enunciação* (2019³⁷) como fontes de apoio para uma melhor compreensão da teoria benvenistiana.

Flores (2013, p. 24) afirma que “há, na teoria benvenistiana, uma rede de relações conceituais em que cada elemento é constituído por uma rede e é parte integrante dela”. Isso, segundo ele, dificulta estudar, nessa teoria, cada conceito de forma estanque. Sendo assim, na explanação das noções que elegemos, são abordadas, em segundo plano, algumas outras noções estreitamente relacionadas àquelas.

Ferdinand de Saussure, considerado o pai da linguística moderna, discutiu, em sua teoria, conceitos como os de língua e de fala. Ao abordar essas concepções, Saussure definiu o que seria cada uma delas, no entanto nunca explicou como acontece o processo de transição da língua para a fala. E é exatamente aí que entra Émile Benveniste, pois é ele quem explica como ocorre esse processo de transição do domínio semiótico (língua como sistema) para o domínio semântico (língua em funcionamento), denominado pelo autor como “enunciação”.

Benveniste postula que toda enunciação pressupõe um *eu-tu-aqui-agora*, pois, ao enunciar-se, o locutor se inscreve em seu discurso e projeta diante de si um alocutário, em determinada instância (espaço e tempo). A seguir, explicitamos as noções de intersubjetividade, forma-sentido, frase/sintagmatização e referência.

4.1 (INTER)SUBJETIVIDADE

De acordo com Benveniste, não é procedente afirmar que a linguagem é um instrumento de comunicação, uma vez que “falar de instrumento é pôr em oposição o homem e a natureza”. (BENVENISTE, 1976, p. 285). Logo, para que pudéssemos considerar a linguagem como um instrumento da comunicação, ela não poderia estar na natureza do homem, teria de ser produzida por ele, o que sabemos não ser possível: “a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou”. (BENVENISTE, 1976, p. 285).

O autor ressalta que seria um equívoco acreditar que, em algum momento anterior, “um homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles, pouco a pouco se elaboraria a linguagem”. (BENVENISTE, 1976, p. 285). Em sua concepção, a linguagem é inerente ao homem e é sempre (inter)subjetiva:

³⁷ O livro foi publicado pela primeira vez em 2008.

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (BENVENISTE, 1976, p. 285).

Em outras palavras, homem e linguagem estão intimamente ligados, pois um é condição para a existência do outro: “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”. (BENVENISTE, 1976, p. 286). Portanto, a linguagem é intrínseca ao homem e é *pela* linguagem que ele revela sua subjetividade. Assim como a subjetividade, a intersubjetividade também é inerente ao homem, pois, quando ele se torna sujeito, ele é também intersujeito. Toda subjetividade é também intersubjetividade. Benveniste (1976, p. 286, grifo do autor) explicita a noção de subjetividade: “é a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’. [...] É ‘ego’ que *diz ego*. Encontramos aí o fundamento da ‘subjetividade’ que se determina pelo status linguístico da ‘pessoa’”. Quando alguém enuncia, ele se torna sujeito e, para tanto, recorre a formas linguísticas que apontam para o “eu”.

Flores (2013, p. 19) afirma que “é difícil ler Benveniste”. É preciso atentar para a fluida nomenclatura presente em PLGI e PLGII, uma vez que o autor usa termos idênticos de forma polissêmica, ou seja, em alguns momentos, define o mesmo termo de maneiras diferentes, assim como usa terminologias diferentes para referir-se ao mesmo conceito. No parágrafo precedente, foram usados os termos “homem”, “locutor” e “sujeito”. Poderíamos presumir, equivocadamente, que tais termos são sinônimos, pois Benveniste não os emprega de forma rigorosa ou precisa. De acordo com Flores (2013), entende-se *homem* como um ser empírico, *locutor* como aquele que se apropria da língua e *sujeito* como o resultado da mobilização da língua pelo locutor. Em outras palavras, *homem* é o ser no mundo, *locutor* é aquele que toma a palavra e *sujeito* é aquele que advém da enunciação, aquele que é apreendido pelos rastros que o locutor deixa de si no discurso.

Ao referir-se à citação de Benveniste de que “é ‘ego’ que *diz ‘ego’*”, Flores (2013, p. 100, grifos do autor) explica que o autor não estava considerando as expressões “ego” como sinônimas:

a subjetividade tem um fundamento determinado pelo *status* linguístico da categoria de pessoa; assim, a conclusão parece óbvia: a formulação “é ‘ego’

quem³⁸ *diz* 'ego'" pode ser parafraseada por "é *sujeito* quem *diz* 'eu'". Ou ainda: "É *sujeito* quem assume a posição de 'eu'". Em outros termos: se a subjetividade tem um fundamento linguístico, só pode ser *sujeito* quem faz uso desse fundamento linguístico.

A explicação de Flores deixa claro que aquele que se enuncia "eu" torna-se *sujeito* e, ao instituir-se *sujeito*, instaura um *alocutário*. Este, quando profere uma enunciação de retorno, também se torna *sujeito*. Ou seja, nenhum ato enunciativo é destituído de (inter)subjetividade.

Em relação à categoria de *pessoa* como fundamento da subjetividade, Benveniste (1976, p. 286) evidencia que "a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste". Em outros termos, para que um *tu* exista, primeiro é preciso que se instaure um *eu*. No entanto, o *eu* somente se constituirá caso ele esteja dirigindo-se a um *tu*. Nesse sentido, podemos afirmar que existe uma condição de correlação e reversibilidade entre o *eu* e o *tu*, "pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu*". (BENVENISTE, 1976, p. 286, grifos do autor). A intersubjetividade é, pois, um *a priori*: o *eu* somente existe se houver um *tu*, e vice-versa.

A partir do exposto, é possível observar que linguagem e subjetividade estão intrinsecamente ligadas, de modo que "uma língua sem expressão da *pessoa* é inconcebível". (BENVENISTE, 1976, p. 287). Assim, não seria possível, consoante Benveniste, uma língua em que não houvesse pronomes pessoais. Entretanto, o linguista francês critica a classificação canônica dos pronomes pessoais, que agrupa *ele* na mesma categoria que o *eu* e o *tu*. Para o autor (1976), a noção de *pessoa* somente está presente em *eu* e em *tu* e não contempla *ele*, pois este não faz parte da relação de intersubjetividade. *Ele* não participa da situação de comunicação, é apenas objeto desta, aquele ou aquilo de que(m) se fala. (BENVENISTE, 1976).

Benveniste afirma que jamais conseguiremos "atingi-las [as categorias de *pessoa* e *não pessoa*] a não ser pelo que as diferencia". (BENVENISTE, 1976, p. 248). Com base nessa afirmação, é possível agrupar *eu* e *tu* na categoria de *pessoa*, pois ambos apresentam "simultaneamente, a *pessoa* implicada e um discurso sobre essa *pessoa*". (FLORES, 2013, p. 90). *Ele*, por sua vez, representa a

³⁸ De acordo com Flores: Na versão brasileira, lê-se "é 'ego' que diz 'ego'". Em francês, lê-se, à p. 260 da edição da Gallimard, "est 'ego' qui *dit* 'ego'". Embora não se discorde da tradução, parece mais adequado considerar, entendido o contexto de reflexão de Benveniste, que a tradução mais adequada seria "é 'ego' quem diz 'ego'" (a última ocorrência de *ego* está, na edição da Gallimard, sem itálico e entre aspas).

categoria da *não pessoa*, pois, “mesmo que comporte uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, não faz isso com relação a uma pessoa específica”. (FLORES, 2013, p. 90). Cabe aqui questionar: seria, então, desprovido de subjetividade um discurso enunciado com o uso da *não pessoa*? Na perspectiva benvenistiana, mesmo que sejam veladas as presenças do *eu* e do *tu* na enunciação, mesmo que o locutor fale do mundo ou do outro, esse referente é apresentado ao alocutário por meio das lentes do locutor. Toda enunciação é intersubjetiva.

Além de um *eu* e de um *tu*, é essencial mencionar que todo ato enunciativo situa-se num *aqui-agora*. O primeiro (*aqui*) refere-se ao espaço em que a enunciação acontece. O segundo (*agora*) refere-se ao tempo linguístico, isto é, ao momento da enunciação. Esses elementos do enquadre enunciativo podem ser expressos por intermédio dos indicadores de subjetividade ou dêiticos espaciais e temporais (adjetivos, advérbios, demonstrativos). Tais recursos indicam quem está participando da enunciação, em que momento ela ocorre e que espaço ela ocupa.

Definidos os conceitos de subjetividade e de intersubjetividade, contemplamos, no próximo item, outra noção de grande relevância na teoria benvenistiana: a relação entre forma e sentido, considerados pelo autor “noções gêmeas” (1989, p. 221), o que quer dizer que nascem juntas e convivem em toda a extensão da língua, não podendo ser concebidas isoladamente na língua em funcionamento.

4.2 FORMA E SENTIDO

As noções de forma e sentido são discutidas por Benveniste principalmente em três dos seus artigos. São eles: *Os níveis da análise linguística*, *A forma e o sentido na linguagem* e *Semiologia da língua*.

Em *Os níveis da análise linguística*, o autor argumenta que, a partir do momento em que se estabeleceu uma ciência destinada ao estudo da linguagem (linguística), sentiu-se a necessidade de descrever a linguagem como uma estrutura formal. Para Benveniste, a maneira mais apropriada de fazer isso seria por intermédio da análise dos níveis: “só ela é própria para fazer justiça à natureza *articulada* da linguagem e ao caráter *discreto* dos seus elementos; só ela pode fazer-

nos reconhecer, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo”. (BENVENISTE, 1976, p. 127, grifos do autor).

Benveniste menciona os seguintes níveis de análise linguística: merisma, fonema, morfema, palavra e frase. Os dois níveis inferiores de análise são o fonemático e o hipofonemático (merismático). De acordo com Benveniste (1976, p. 131), merismas e fonemas são unidades linguísticas, visto que toda unidade linguística insere-se *em* uma “unidade mais alta”. O merisma integra o fonema, por isso pode ser considerado uma unidade linguística. O fonema, por sua vez, integra o morfema, terceira unidade linguística mencionada por Benveniste. Embora integrem uma unidade mais alta, o merisma e o fonema, sendo desprovidos de sentido, não possuem status linguístico.

Já o morfema, além de ser constituinte da palavra, é dotado de significação, por isso tem status linguístico. A palavra, por seu turno, integra a frase, unidade linguística superior, na perspectiva de Benveniste.

É preciso ressaltar que, na teoria benvenistiana, o conceito de frase é posto em relevo, assumindo um sentido diferente daquele que possui na tradição gramatical e nas teorias linguísticas formais. O linguista situa essa unidade no domínio semântico, isto é, no domínio da língua em funcionamento e afirma que é por meio das frases, de dimensões variadas, que se produzem sentidos. Considerando a relevância atribuída à frase na Teoria da Enunciação, optamos por abordá-la numa subseção à parte.

Benveniste afirma que “o problema que persegue toda a linguística moderna” (1976, p. 134) é a relação entre forma e sentido. Ele sublinha que é impossível expulsar o sentido da análise linguística: “essa cabeça de Medusa está sempre aí, no centro da língua, fascinando os que a contemplam”. (1976, p. 135).

Associando a forma à dissociação de uma unidade linguística em constituintes e o sentido à integração das unidades formais em unidades de nível superior, Benveniste afirma:

A forma de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior. O *sentido* de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior. Forma e sentido aparecem assim como propriedades conjuntas, dadas necessária e simultaneamente, inseparáveis no funcionamento da língua. (BENVENISTE, 1976, p. 135-136, grifos do autor).

No artigo *A forma e o sentido na linguagem*, publicação de uma conferência dirigida a filósofos em 1966, Benveniste problematiza, a partir do seu ponto de vista enquanto linguista, a relação entre forma e sentido. Antes de iniciar as discussões acerca dessa relação, o autor evidencia que não há, entre os linguistas, um consenso sobre esse tema.

Para o autor, as discussões que permeiam as noções de forma e sentido a partir da perspectiva semântica apresentam o seguinte problema: “as manifestações do *sentido* parecem tão livres, fugidias, imprevisíveis, quanto são concretos, definidos e descritíveis os aspectos da *forma*”. (BENVENISTE, 1989, p. 221, grifos do autor). Isso levou, segundo ele, muitos linguistas a desconsiderarem o sentido em suas análises, centrando-as na forma.

Buscando não incorrer nesse problema de analisar sentido enquanto algo livre e forma enquanto algo concreto, o linguista afirma que irá analisar esses dois aspectos na linguagem ordinária, isto é, na linguagem do cotidiano. (BENVENISTE, 1989). Nessa perspectiva, Benveniste conceitua essas duas noções:

Numa primeira aproximação, o sentido é a noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores; e a forma é, do ponto de vista linguístico (diferentemente do ponto de vista dos lógicos), ou a matéria dos elementos linguísticos quando o sentido é excluído ou o arranjo formal destes elementos no nível linguístico a que tangem. (BENVENISTE, 1989, p. 222).

Essa citação permite-nos concluir que o autor defende a ideia de que o sentido é produzido na linguagem em uso, ou seja, promove-se o sentido quando se compreende um ato enunciativo. A noção de forma, segundo ele, pode ser compreendida, no aparelho formal da língua, como o significante (parte do signo linguístico) e, no aparelho formal da enunciação (língua em funcionamento), como organização sintática.

Benveniste (1989, p. 222) sublinha que, “antes de qualquer coisa, a linguagem significa”. Isso quer dizer que significação faz parte da natureza da linguagem, é uma propriedade que lhe é intrínseca.

Segundo o autor, há dois domínios na língua: o semiótico e o semântico. E define o domínio semiótico:

Tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua. Cada

signo entra numa rede de relações e de oposições com os outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua. Quem diz “semiótico” diz “intralinguístico”. Cada signo tem de próprio o que o distingue dos outros signos. Ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa. (BENVENISTE, 1989, p. 227-228).

Compreende-se que o domínio semiótico é o domínio do signo, em suas relações paradigmáticas. Os signos linguísticos são distintivos e, conseqüentemente, têm significado. Esse significado, que é sempre genérico, deve ser reconhecido pelos falantes: “o sentido do signo, unidade do domínio semiótico, é definido como o uso que os falantes fazem dele, uso este reconhecido intralinguisticamente”. (FLORES, 2013, p. 140).

O domínio semântico, por sua vez, é o domínio da língua em funcionamento:

A noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação; vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens. É a língua como instrumento da descrição e do raciocínio. Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, e por consequência a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência. (BENVENISTE, 1989, p. 229).

O domínio semântico, portanto, é o domínio do discurso, da língua em uso. Este é o domínio da frase, em que não há mais signos, mas palavras em relação com outras (sintagmatização). Na língua-discurso, as palavras não são concebidas isoladamente, mas em convivência e em cumplicidade umas com as outras, produzindo-se o sentido, que deve ser compreendido pelos interlocutores.

Conforme mencionamos anteriormente, Benveniste dedicou especial atenção ao nível da frase, pois é por meio de frases (entendidas como textos ou enunciações) que os usuários da língua produzem sentidos. É na frase que o locutor deixa suas marcas (subjetividade) e é por intermédio da frase que fala de si e do mundo. Assim, destinaremos um espaço significativo a essa noção benvenistiana no próximo tópico. Como o conceito de frase está intimamente relacionado ao de sintagmatização, veremos tais noções conjuntamente.

4.3 FRASE E SINTAGMATIZAÇÃO

No artigo *Os níveis da análise linguística*, Benveniste afirma que a frase é o último nível a ser atingido na análise linguística. Acrescenta que, diferentemente dos outros níveis, neste não há apenas um avanço de um estágio a outro; na verdade, “com a frase transpomos um limite, entramos num novo domínio”. (BENVENISTE, 1976, p. 137). Esse novo domínio de que fala Benveniste é o domínio da semântica, da língua em funcionamento. Segundo Flores et al. (2013, p. 95), “o fato de a frase pertencer ao domínio do semântico implica necessariamente o lugar do qual ela deve ser olhada, isto é, da língua em uso”.

As palavras de Benveniste explicitam que a frase está no domínio do discurso: “concluimos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso”. (BENVENISTE, 1976, p. 139). Para o autor, não existe frase fora do discurso, o que possibilita concluir que a noção de frase (independentemente de sua extensão) pode corresponder à noção de texto.

A fundamentação de que a frase pertence ao discurso é encontrada nas modalidades apresentadas por esta: assertividade (declarar), interrogatividade (interrogar/questionar) ou imperatividade (ordenar/pedir). Em outras palavras, as modalidades que a frase apresenta são apenas um reflexo daquilo que todo *eu* em contato com *tu*, por intermédio da linguagem, almeja expressar: “transmitir-lhe um elemento de conhecimento, ou obter dele uma informação, ou dar-lhe uma ordem”. (BENVENISTE, 1976, p. 139).

A partir dessa perspectiva, é possível afirmar que “o sentido da frase é de fato a *ideia* que ela exprime”. (BENVENISTE, 1989, p. 230, grifo do autor). Isto é, o sentido advém do arranjo sintático das palavras, da relação que se estabelece entre elas. (BENVENISTE, 1989). É preciso atentar para o fato de que palavra e frase possuem sentidos diferentes: “o sentido de uma frase é sua ideia, o sentido de uma palavra é seu emprego (sempre na acepção semântica)”. (BENVENISTE, 1989, p. 231). Parafraseando Flores (2013), podemos afirmar que Benveniste está tentando mostrar que o locutor organiza e emprega as palavras de acordo com sua ideia e que ambos, ideia e emprego, são sempre singulares em cada situação de enunciação, ou seja, não se repetem nunca.

Também é relevante o postulado benvenistiano de que há um *aqui-agora* diferente para cada frase, que não podem ser reproduzidos novamente – *sui generis*³⁹. Nas palavras de Benveniste (1989, p. 231), “ela [a frase] não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece”.

Podemos inferir, a partir dessa afirmação, que Benveniste está concebendo frase e enunciação como termos equivalentes: se a frase é um acontecimento, ela é a própria enunciação, e é “evanescente”, no sentido de que não pode mais ser acessada a não ser por meio do enunciado, produto da enunciação. Os rastros que o locutor deixa em sua frase (enunciação) permanecerão no enunciado, materialização do ato enunciativo, mas o enunciado nunca consegue resgatar toda a instância discursiva.

Para produzir sentidos, o locutor precisa escolher e organizar as palavras que irá utilizar. Consoante Benveniste, o locutor precisa fazer o “agenciamento de palavras”. (BENVENISTE, 1989, p. 230). O termo “agenciamento” não implica apenas a ideia de que o locutor escolhe palavras aleatórias e, prontamente, a frase é instaurada. Ao contrário, o locutor, além de escolher as palavras que melhor expressam a sua ideia, também precisa ser capaz de organizá-las adequadamente, uma vez que “cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo”. (BENVENISTE, 1989, p. 234).

Explicando melhor, os signos (pertencentes ao domínio semiótico) têm um significado genérico e conceitual, mas, quando o locutor se apropria do aparelho formal da língua, ele as converte em palavras, situadas no domínio semântico (da língua em funcionamento). O sentido das palavras se atualiza no discurso, de modo que poderão assumir um sentido completamente diferente daquele significado genérico que têm como signos. A sintagmatização, que consiste no arranjo sintático promovido pelo locutor no nível da frase, faz com que as palavras, em sua relação com outras palavras, assumam sentidos particulares.

No artigo *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste afirma que o locutor faz uso do aparelho formal da língua para construir o aparelho formal da enunciação, que é sempre singular. Segundo o linguista, “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de *índices específicos*,

³⁹ Expressão latina que significa: único, original, singular.

de um lado, e por meio de *procedimentos acessórios*, de outro”. (BENVENISTE, 1989, p. 84, grifos nossos). De acordo com o autor, os índices específicos são os elementos linguísticos que apontam para a relação *eu-tu* e que indicam o *aqui- agora*. Já os procedimentos acessórios referem-se ao processo de sintagmatização (arranjo sintático), da qual advém a semantização (produção de sentidos). O substantivo (classe gramatical contemplada neste trabalho), em sua relação com outras palavras, é um dos procedimentos acessórios de que se vale o locutor para inscrever-se em seu discurso.

Por último, destacamos a relação existente entre sintagmatização e semantização. No *Dicionário de linguística da enunciação*, Flores et al. (2019, p. 216-217) explicam essa relação: “estabelecem-se conexões entre as palavras porque há uma ideia a ser expressa, relativa à atitude do sujeito e à situação enunciativa. Desse modo, sintagmatização está a serviço de semantização”. A afirmação de que a *sintagmatização está a serviço da semantização*, permite concluir que, por intermédio do processo de agenciamento das palavras (sintagmatização), estas assumem um sentido particular, em sua relação com as outras. Isso está em consonância com o postulado de Benveniste (1976, p. 140) de que “é no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem”.

Além da noção de sentido, a frase também possui referência. Esse conceito é discutido na próxima seção.

4.4 REFERÊNCIA

No artigo *A forma e o sentido na linguagem*, Benveniste destaca que é preciso tomar cuidado para não confundir sentido e referência. Enquanto o sentido da frase diz respeito à ideia que esta implica, “a ‘referência’ da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar”. (BENVENISTE, 1989, p. 231). A partir dessa citação, depreendemos que a situação do discurso é única e só acontece no momento em que é realizada a enunciação.

Baseado na afirmação de Benveniste de que a referência da frase é o *estado de coisas que a provoca*, pode-se compreender que o conceito de referência remete ao mundo (estado de coisas). Contudo, diferentemente da noção canônica de

referência mencionada por Castilho (2014) – relação direta entre as palavras e o mundo –, a noção de referência em Benveniste sempre tem a ver com o “mundo do locutor” em sua interação com o alocutário. O mundo é apresentado pelo locutor sob sua perspectiva; é a sua versão do mundo. Explicamos: o locutor partilha com o alocutário sua visão de mundo, ou seja, o mundo é analisado sob a ótica do locutor, e este busca levar aquele a quem se dirige a partilhar esse “mundo”.

Desse modo, para que eles consigam entender-se mutuamente, é preciso que compartilhem os mesmos conhecimentos acerca da situação concebida, conforme destaca Benveniste:

Ainda que se compreenda o sentido individual das palavras, pode-se muito bem, fora da circunstância, não compreender o sentido que resulta da junção das palavras; esta é uma experiência corrente, que mostra ser a noção de referência essencial. (1989, p. 231).

Nessa citação, evidencia-se a relevância da sintagmatização para a construção da referência: não basta que o interlocutor reconheça o significado das palavras divorciadas de qualquer contexto; é preciso que ele compreenda o sentido que elas assumem quando agregadas a outras no discurso. Conforme já discutido anteriormente, o sentido de uma palavra na língua em funcionamento pode distanciar-se do significado que tem enquanto elemento individual ou isolado. Assim, podemos concluir que o sentido e a referência produzidos na enunciação decorrem, em grande parte, da sintagmatização.

Portanto, ao olharmos para o sentido e para a referência coconstruídos na enunciação por meio do uso de substantivos, não podemos dirigir o olhar somente para o substantivo tomado isoladamente, mas analisar sua relação com os demais constituintes do sintagma nominal em que está inserido e com outros constituintes do universo textual em que é empregado.

No final desta seção, é importante destacar que as noções de intersubjetividade (relação *eu-tu*), forma-sentido (conceitos indivorciáveis), sintagmatização (cumplicidade de formas linguísticas na frase – esta concebida como produto da enunciação) e referência (“mundo” do locutor) são basilares numa análise enunciativa. No próximo capítulo, propomos uma breve análise enunciativa do substantivo em duas notícias, na qual essas noções são contempladas.

5 O SUBSTANTIVO NA LÍNGUA EM FUNCIONAMENTO: MUITO ALÉM DA FUNÇÃO NOMEADORA

Neste trabalho, abordamos os valores semântico-discursivos do substantivo, os quais, em nossa concepção, vão além da função meramente designadora. Para tanto, nosso objeto de estudo são duas notícias vinculadas aos seguintes veículos de comunicação: *Jornal El País Brasil* e *Revista Época*.

Elegemos a “notícia”, porque é um gênero em que, comumente, não são usados índices específicos que remetem àquele que enuncia nem a quem é dirigido a enunciação. Mas isso não quer dizer que o texto seja destituído de subjetividade: ao não usar marcas linguísticas que apontam para a presença do *eu* e do *tu*, o locutor apenas tenta produzir um efeito de objetividade. Outra justificativa para a escolha das duas notícias é o fato de que ambos os textos contemplam, direta ou indiretamente, a temática da representação da mulher e foram amplamente divulgados.

Nosso objetivo é mostrar, nos textos, que substantivos ou locuções substantivas (sintagmas nominais), em suas relações com outras formas linguísticas (sintagmatização) são procedimentos acessórios de que se vale o locutor para produzir sentidos (semantização) e coconstruir a referência. Assim, optamos por analisar duas notícias que abordam um mesmo fato, a fim de evidenciar que cada enunciador, a partir das suas visões de mundo, empreende sintagmatizações diferentes e, conseqüentemente, promove sentidos e referências diferentes em relação a esse evento.

A análise empreendida é de cunho qualitativo, pois o objetivo de uma análise enunciativa não é a quantificação de dados, para a demonstração de uma regularidade, mas a busca da singularidade que caracteriza todo ato enunciativo. Assim, uma análise enunciativa nunca será exaustiva.

O suporte teórico principal que embasa a análise é a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. Os conceitos de intersubjetividade, forma-sentido, frase/sintagmatização e referência são fundamentais em nosso estudo. Como Benveniste não aborda, especificamente, o substantivo, recorreremos, também, a estudos dos linguistas Maria Helena de Moura Neves (2000 e 2018), Ataliba Teixeira de Castilho (2014), Mário Vilela e Ingedore Villaça Koch (2001), Margarida Basilio

(2004) e Mário Alberto Perini (2005), que mencionam outros papéis do substantivo, além da função nomeadora (ou designadora).

5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste estabelece um norte (ou percurso metodológico) para a análise enunciativa, o qual será adotado neste estudo. Segundo ele, “na enunciação, consideraremos, sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização”. (BENVENISTE, 1989, p. 83). Com base nesse percurso metodológico apontado por Benveniste, organizamos a análise, contemplando: (i) o ato de enunciação, no qual estão implicados o locutor e o alocutário (*eu-tu*); (ii) a situação de enunciação, isto é, o *aqui-agora* (circunstâncias da enunciação), que estabelecem a referência coconstruída no discurso; (iii) os instrumentos de realização do ato enunciativo, isto é, os índices específicos e os procedimentos acessórios. Ressaltamos que, nos instrumentos linguísticos, focalizaremos o substantivo, que é um dos procedimentos acessórios de que se vale o locutor para marcar sua presença no discurso.

5.2 ANÁLISE ENUNCIATIVA DO TEXTO *O AMARGO ADEUS DA DEPUTADA KATIE HILL: “SAIO POR CAUSA DE UMA CULTURA MISÓGINA QUE CONSUMIU MINHAS FOTOS NUA”*

1 **O amargo adeus da deputada Katie Hill: “Saio por causa de uma cultura misógina que**
2 **consumiu minhas fotos nua”***

3 Jovem política democrata deixa o Congresso acusada de fazer sexo com uma funcionária e um
4 subordinado, e depois da divulgação de imagens e mensagens íntimas

5 A jovem deputada democrata Katie Hill, eleita pela primeira vez no ano passado,
6 pronunciou nesta quinta-feira pela tarde um amargo discurso de despedida contra a "cultura
7 misógina" que, segundo ela, motivou a sua renúncia. Hill, de 32 anos, deixa o Congresso
8 norte-americano após ser acusada de fazer sexo com uma empregada de sua campanha e
9 com um subordinado no Congresso, e depois da humilhante publicação de fotos e de
10 mensagens íntimas. Esse escárnio causou estupor em Washington. "Saio porque há dois
11 pesos e duas medidas, saio porque não quero que me usem como moeda de troca", disse Hill.
12 "Saio por causa de uma cultura misógina que consumiu alegremente minhas fotos nua."

13 A deputada pela Califórnia admitiu ter mantido relações sexuais com sua assessora
14 de campanha, mas nega que isso tenha ocorrido também com Graham Kelly, assessor
15 legislativo do seu gabinete. O Comitê de Ética da Câmara de Representantes (deputados)
16 abriu um inquérito sobre esta última suspeita na semana passada, já que relacionamentos
17 desse tipo são proibidos pelo regulamento da Câmara de Representantes, mas Hill não ficará
18 para ver o resultado. A exploração pública de suas imagens íntimas, afirmou ela nesta quinta,
19 falou mais alto. A congressista as atribui a uma operação de "pornovingança" por parte de seu
20 marido, de quem está se divorciando, e que encontrou os aliados perfeitos na mídia

21 sensacionalista e conservadora.

22 "Saio porque não quero ser usada por sites e blogs operados por gente sem
23 vergonha, para a política mais suja que já vi, e para que a mídia de direita ganhe cliques e
24 aumente sua audiência distribuindo fotos íntimas que foram tiradas sem meu consentimento,
25 para entretenimento sexual de milhões de pessoas", disse ela nesta tarde no Capitólio. Esses
26 materiais foram publicados inicialmente pelo site conservador RedState e pelo tabloide
27 britânico Daily Mail.

28 A presidenta da Câmara, a veterana democrata Nancy Pelosi, criticou o abuso e a
29 exploração representados pela publicação dessas fotos, mas não questionou a decisão da
30 deputada de renunciar. Suas relações com a assessora da campanha eleitoral, embora não
31 estivessem sujeitas às normas do Congresso, tampouco caem bem, levando-se em conta a
32 relação de subordinação trabalhista, num momento como o atual, em que uma maior
33 conscientização contra o assédio reduziu os limites de tolerância nesses casos. "Tomou sua
34 decisão e escolheu o momento", disse Pelosi, criticando também a "vergonhosa humilhação
35 pela exploração cibernética" desse episódio que descreveu como "triste".

36 Pelosi também aproveitou para fazer um alerta àqueles que "podem ser alvo desse
37 tipo de abuso e assédio". "Eu digo aos meus filhos e netos, sobretudo: todas essas aparições
38 nas redes sociais podem depois ir caçá-los fora de contexto", acrescentou.

39 Katie Hill não publicou nenhuma das fotos ou mensagens nas suas redes sociais. A
40 deputada afirma que, a partir de agora, se voltará para o combate à "pornovingança". Mesmo
41 assim, nesta quinta-feira, no Capitólio, pediu perdão: "A cada menina que olhou para mim
42 [como referência], espero que possam me desculpar".

*Texto publicado no Jornal El País Brasil, em 1º de novembro de 2019. Disponível em:<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/31/internacional/1572557894_878315.html>. Acesso em: 19 maio de 2020. Adaptação.

5.2.1 O ato enunciativo

De acordo com a noção benvenistiana, a linguagem é intrínseca ao homem e é a partir desta que ele revela a sua subjetividade. Com base nesse pressuposto e lembrando que Benveniste (1976, p. 286) entende subjetividade como "a capacidade do locutor para se propor como 'sujeito'", analisamos de que forma o locutor inscreve-se no texto, isto é, quais foram os rastros deixados por esse no texto. Atenemos ao fato de que, sempre que for instaurado um *eu*, concomitantemente, será instaurado um *tu*.

Cabe destacar que, nesta análise, embora não ignoremos os índices específicos (ou dêiticos), que remetem aos elementos do enquadre enunciativo (*eu-tu-aqui-agora*), nosso foco são os procedimentos acessórios, mais especificamente, os substantivos. É relevante observar, ainda, que, além da categoria de *pessoa*, contemplada pelo *eu* e pelo *tu*, o *ele*, a *não pessoa* (aquele ou aquilo de que(m) se fala) é sempre apresentado sob a ótica do locutor.

Quanto ao ato enunciativo, observamos, no texto *O amargo adeus da deputada Katie Hill*, a seguinte relação: o locutor-autor⁴⁰ (ser do discurso) instaura-se e dirige a enunciação ao leitor da notícia (*tu*). Nessa enunciação, é possível afirmar que Kate Hill é a *não pessoa*, aquela de quem se fala, referente apresentado no texto sob a perspectiva do enunciador. O uso reiterado (ou mesmo exclusivo) da *não pessoa* em notícias é comum, pois o locutor apresenta sua versão sobre o mundo ou sobre o outro. Alguns exemplos do uso da *não pessoa* que remetem ao principal referente do discurso são: “a deputada Katie Hill” (linha 1), “jovem política democrata” (linha 3), “a jovem deputada democrata Katie Hill” (linha 5), “ela” (linha 7), “a congressista” (linha 19). A partir desses exemplos, é possível identificar que o enunciador se vale de expressões nominais e pronomes pessoais para apresentar referentes ou objetos do discurso.

Cabe destacar que, quando o locutor insere, em seu ato enunciativo, em forma de citação direta, partes dos discursos de Katie Hill no Capitólio (linhas 22-25 e 41-42), são referidos diferentes atos enunciativos, em segundo plano: na primeira ocorrência, Katie Hill é o *eu* e os integrantes do Congresso estadunidense são o *tu*. Já na segunda situação, a fala de Katie (locutor) também é proferida no Capitólio, no entanto é direcionada não só aos demais integrantes do Congresso americano (alocutário 1), mas também para as meninas jovens que a tinham como referência (alocutário 2).

5.2.2 A situação em que se realiza o ato enunciativo

Dedicaremos atenção, aqui, aos elementos relacionados à situação de enunciação, em outras palavras, ao *aqui-agora*. Benveniste, quando se refere ao *agora*, explica que é o momento em que se fala ou escreve (tempo linguístico). O presente linguístico é o parâmetro ou eixo a partir do qual se fazem retrospectões (anterioridade) e prospecções (posterioridade).

Ao analisarmos esta notícia, constatamos que o tempo verbal que prevalece é o pretérito perfeito do indicativo (por exemplo, “pronunciou” – linha 5, “causou” – linha 10, “publicou” – linha 39). Isso nos mostra que os fatos relatados estão situados na anterioridade, isto é, aconteceram antes do ato enunciativo. Ademais, é possível afirmar que esses fatos são de menor duração e que foram consumados

⁴⁰ Usamos, neste trabalho, as expressões “locutor-autor”, “locutor” e “enunciador” como equivalentes.

em um momento específico no marco temporal passado. No subtítulo da notícia, chama a atenção o uso do presente do indicativo (“deixa” – linha 3): embora remeta a um fato já consumado no passado, mediante o uso do presente do indicativo, o locutor atualiza esse fato, aproximando-o do alocutário, como se estivesse ocorrendo. Dessa forma, ele instiga aquele que depara com esse subtítulo a ler a notícia.

Em sua teoria, Benveniste aborda o espaço linguístico superficialmente. Segundo ele, o *aqui* é o espaço em que a enunciação acontece. Vale salientar que compreendemos não se tratar do espaço físico em que o locutor-autor estava enquanto escrevia a notícia, mas, sim, do espaço temporal do texto.

A situação em que se realiza o ato enunciativo é relevante para a construção da referência, pois esta advém do estado de coisas ou circunstâncias que cercam o locutor. Observando essa “conjuntura”, bem como os rastros (sintagmatizações) deixados pelo locutor ao longo do texto, entendemos que ele constrói sua referência sem induzir o leitor a refletir muito sobre o assunto, uma vez que, ao ponderar sobre as possíveis motivações por trás das divulgações das fotos e mensagens de Katie Hill, o enunciador opta por explicitá-las por meio de discurso direto. Além disso, no final da notícia, ele emprega o termo “perdão” ao mencionar o pedido de desculpas emitido por Katie, o que nos indica que ele está tentando convencer o alocutário de que a situação configurou-se mais grave e inadequada, principalmente por tratar-se de um episódio envolvendo uma parlamentar mulher.

5.2.3 Instrumentos linguísticos – o substantivo

Neste tópico, propomo-nos a analisar os valores semântico-discursivos de alguns substantivos e expressões substantivas na notícia apresentada. Dirigimos um olhar especial às funções adjetivadora (qualificadora e especificadora) e referenciadora (como recurso de coesão referencial).

Nosso objetivo é observar quais são os rastros deixados pelo locutor-autor no texto por meio dessas formas linguísticas em sua cumplicidade com outras formas. Cabe salientar que, na perspectiva da enunciação benvenistiana, não há como analisar o sentido produzido por uma palavra isoladamente, mas sempre em sua relação com outras palavras (sintagmatização). Sendo assim, contemplaremos o

substantivo em sua relação com o adjetivo, dentro do sintagma nominal, e com outros sintagmas no texto.

No que se refere às citações diretas inseridas na notícia analisada, entendemos que, quando um locutor opta por introduzir uma fala mediante um discurso direto, ele busca produzir um efeito de objetividade, a fim de eximir-se da responsabilidade por aquilo que foi enunciado. No entanto, com base na teoria benvenistiana, podemos afirmar que a escolha de determinados trechos de um discurso enunciado por outro locutor é uma marca de subjetividade, ou seja, essas enunciações trazidas pelo enunciador da notícia podem contemplar expressões nominais que indicam a sua visão de mundo e que direcionam o leitor a determinada conclusão. Em vista disso, optamos por também analisar alguns substantivos contemplados nos discursos diretos.

Apesar de nosso principal propósito ser evidenciar as funções adjetivadora e referenciadora do substantivo, não podemos ignorar que essa classe gramatical é conhecida como nomeadora por excelência pela tradição gramatical. Observamos que, quando o locutor se vale de substantivos próprios, ele nomeia ou designa os seres, no sentido de que o ser é identificado pelo nome que é propriamente dele, conforme explica Neves (2018). Na notícia, o enunciador nomeia o indivíduo que constitui o principal objeto do discurso (“Katie Hill” – linhas 1, 5 e 39; “Hill” – linhas 7, 11, 17) e “Nancy Pelosi” (linha 28), presidenta da Câmara, que apoiou a renúncia de Hill. Além disso, apresenta o nome de instituições “Comitê de Ética da Câmara de Representantes” – linha 15, “RedState” – linha 26, “Daily Mail” – linha 27, “Câmara” – linha 28, “Congresso” – linha 31) e de lugares (“Califórnia” – linha 13 e “Capitólio” – linhas 25 e 41). Por meio desses substantivos próprios, o locutor identifica-os em sua individualidade ou particularidade.

Foquemos, agora, a função adjetivadora do substantivo. Por intermédio das expressões nominais⁴¹ “amargo adeus” (linha 1) e “amargo discurso” (linha 6), é possível perceber que o processo de sintagmatização do adjetivo “amargo” com os substantivos “adeus” e “discurso” promove o sentido de que a renúncia da deputada Katie Hill e seu discurso de despedida foram penosos e tristes para ela. Em outras palavras, a convivência do adjetivo “amargo” com os substantivos citados produz o

⁴¹ Ao longo da análise, os termos “expressão nominal”, “sintagma nominal” e “locução nominal” serão empregados como equivalentes.

sentido de que o “discurso” e o “adeus” (renúncia ao mandato) foram eventos desagradáveis para Katie Hill.

As expressões nominais “cultura misógina” (linhas 1, 6-7 e 12), “humilhante publicação de fotos e de mensagens íntimas” (linhas 9-10), “dois pesos e duas medidas” (linhas 10-11) e “pornovingança” (linhas 19 e 40) dialogam entre si e geram o sentido de uma cultura que, normalmente, mostra-se mais crítica ou severa em relação aos atos praticados por mulheres. O termo “pornovingança”, composição por aglutinação da expressão “pornografia de vingança”, compreende o ato de divulgação ilegal, sem o consentimento da(s) pessoa(s) envolvida(s), de materiais audiovisuais com conteúdo sexual. Frequentemente, a prática de pornovingança está associada ao ato de humilhação do(s) envolvido(s). Assim, o emprego desse sintagma nominal permite entendermos a origem dos vídeos íntimos envolvendo Katie Hill, isto é, ela não consentiu a divulgação dos vídeos. A divulgação dos vídeos, provavelmente, visava à sua humilhação.

Em relação à expressão “humilhante publicação de fotos e de mensagens íntimas” (linhas 9-10), a sintagmatização do adjetivo “humilhante” com o substantivo “publicação” e do adjetivo “íntimas” com os substantivos “fotos” e “mensagens” ratifica o sentido de pornovingança, uma vez que a publicação das fotos e das mensagens íntimas é descrita como humilhante para Katie. Importante destacar que o sentido de humilhante, nesse caso, parece-nos ambíguo, pois tanto pode expressar um sentimento de descontentamento com a situação de humilhação que Katie sofreu em decorrência de um ato de pornovingança como também pode expressar um juízo de valor negativo emitido pelo locutor-autor. Neste último caso, o enunciador estaria julgando que a culpa da divulgação dos materiais audiovisuais pudesse ser da deputada, já que foi uma escolha dela envolver-se com o indivíduo das fotos e das mensagens.

A expressão nominal “dois pesos e duas medidas”, usada no discurso de Hill, descreve como injusta ou imparcial a conduta diversa adotada pelo Congresso no que se refere ao envolvimento de parlamentares homens e mulheres em escândalos sexuais. Esse sintagma, em sua cumplicidade com os já referidos, também aponta para o sentido de que, na política norte-americana, não é conferido tratamento igual a homens e mulheres.

Na expressão nominal “cultura misógina” (linhas 1, 6-7 e 12), o adjetivo “misógina” (miso = ódio, aversão + gina = mulher), ao mesmo tempo, especifica e

qualifica negativamente o substantivo “cultura”. Como essa expressão não foi cunhada pelo locutor, mas usada no discurso de Katie Hill, não podemos asseverar que o enunciador coconstrói com o alocutário a visão de mundo (referência, para Benveniste) de que vivemos numa cultura na qual predomina um sentimento de aversão ou repulsa às mulheres. Parece que, na notícia, o locutor-autor não se apropria do (ou não adota o) sintagma nominal “cultura misógina”, mas o deixa circunscrito ao discurso direto de Katie Hill. Isso pode fazer crer que o enunciador não partilha a ideia de que essa cultura existe no congresso americano ou que Katie tenha sido afetada por ela.

Os sintagmas nominais “aliados perfeitos” (linha 20), “mídia sensacionalista e conservadora” (linhas 20-21), “site conservador” (linha 26) e “tabloide” (linha 26) indicam o provável responsável pelo ato de pornovingança e quais são os principais veículos de comunicação que divulgaram os materiais. Quando o locutor-autor emprega a expressão “aliados perfeitos” e “mídia sensacionalista e conservadora”, percebemos que ele está considerando que o ex-marido e a mídia sensacionalista e conservadora possuem objetivos em comum. Ambos procuram, por meio da divulgação dos materiais audiovisuais, escandalizar o acontecido (sensacionalismo), sem se preocupar com o conteúdo que vai ser divulgado e como isso pode afetar o(s) envolvido(s). A adição do adjetivo “conservadora” ao adjetivo “sensacionalista”, no processo de sintagmatização, produz a referência de que a mídia cuja característica é deturpar ou exagerar fatos para obter maior audiência costuma também defender a manutenção das instituições sociais tradicionais. Ou seja, dessa sintagmatização advém a semantização de que essas duas características da mídia estão normalmente vinculadas. Tais mídias consideram episódios como aquele em que Hill, supostamente, esteve envolvida como escandalosos e inapropriados, principalmente quando têm como protagonista uma mulher, e pior, uma mulher envolvida com a política, que lida com as leis, e que, segundo eles, deveria assumir e defender uma postura conservadora. Já as expressões “site conservador” e “tabloide” especificam o viés dos primeiros veículos de comunicação que divulgaram os materiais íntimos: um conservador; outro sensacionalista e conservador (tabloide).

Além da relação entre substantivos e adjetivos, também encontramos, nesse ato enunciativo, alguns exemplos de substantivos em convívio com sintagmas preposicionados, como, por exemplo: “relação de subordinação trabalhista” (linha

32), “maior conscientização contra o assédio” (linhas 32-33), “limites de tolerância” (linha 33). Esses exemplos demonstram a preocupação do enunciador em mostrar que o relacionamento de Katie com a sua assessora de campanha tem um agravante: a assessora era, na relação trabalhista, subordinada à candidata a deputada. O sintagma preposicionado (adjunto adnominal) “de subordinação trabalhista” está especificando os agravantes acerca do relacionamento de Katie com sua assessora. Ainda, revela um sentimento de desaprovação em relação às complicações que cercam o caso, principalmente, porque há uma preocupação com a necessidade de uma “maior conscientização contra o assédio”, e os “limites de tolerância” diminuíram. Por meio destas duas últimas sintagmatizações, o locutor promove o sentido de que a tolerância possui limites e que tais limites foram restringidos atualmente (certas atitudes não devem mais ser aceitas), em consequência de outro fato presente: o aumento da conscientização contra o assédio. Cabe sublinhar que os sintagmas preposicionados “contra o assédio” (complemento nominal) e “de tolerância” (adjunto adnominal) são fundamentais para a compreensão do substantivo, pois este é completado e especificado por meio de tais sintagmas.

O locutor-autor emprega, nos dois últimos parágrafos, os substantivos “alerta” (linha 36) e “perdão” (linha 41). Ao utilizar “alerta”, ele está nomeando o ato de fala da presidenta da Câmara Pelosi em relação à necessidade de precaver-se diante da possibilidade de ser vítima de abuso e assédio nas redes sociais. Dessa forma, põe em relevo a posição dessa deputada, que, diferentemente de Hill, é veterana no congresso. Mediante o uso do substantivo “perdão”, o locutor atribui maior gravidade às atitudes de Katie Hill do que ela própria, visto que, em seu discurso, a deputada usa o verbo “desculpar” (linha 42) e não “perdoar”.

Acerca da função adjetivadora dos substantivos, evidenciamos, por último, a expressão nominal “veterana democrata” (linha 28). Acreditamos que esse sintagma elucidada, notoriamente, a noção tênue entre substantivo e adjetivo discutida pelos linguistas consultados em nosso referencial teórico. Nesse sintagma nominal, a palavra “veterana” é usada como substantivo, embora seja, originalmente, um adjetivo. Observa-se, nessa ocorrência, uma derivação imprópria, ou seja, a conversão de um adjetivo em substantivo. Mediante o emprego desse substantivo, que tem função qualificadora, o locutor partilha com o alocutário a referência de que Nancy Pelosi tem experiência na vida pública, de modo que seu alerta deve ser

considerado pelo leitor. “Democrata”, pela posição que ocupa no sintagma nominal, é um adjetivo, também fundamental na produção de sentidos e na referência. Por meio desse adjetivo, o enunciador confere ainda mais credibilidade ao discurso de Pelosi, uma vez que, além de veterana (com larga experiência), o partido que ela integra representa uma esquerda progressista (voltada a políticas de ações afirmativas, de assistencialismo social), diferentemente do partido republicano (que representa o conservadorismo político e o liberalismo econômico).

É importante ressaltar, ainda, que Pelosi pertence ao mesmo partido de Katie Hill e, apesar disso, em seu discurso (linhas 37-38), critica, indiretamente, a imaturidade ou ingenuidade de Hill ao expor-se ao risco de ser alvo de exploração e abuso. Por fim, destacamos que, se a posição dos constituintes desse sintagma fosse invertida, o substantivo seria “democrata”, e o adjetivo, “veterana”. A análise dessa expressão nominal possibilita afirmar que o locutor se vale de um substantivo e de um adjetivo para qualificar positivamente a presidenta da Câmara, Nancy Pelosi.

Nesta etapa da análise, destinamos atenção ao substantivo enquanto referenciador, ou seja, como recurso de coesão referencial. Em relação a *não* pessoa do enunciado, Katie Hill, percebe-se que o locutor busca, na maior parte das anáforas nominais, conferir ao texto um efeito de objetividade. Utiliza, entre outras, as seguintes expressões nominais para retomar esse objeto do discurso: “a deputada Katie Hill” (linha 1), “Hill” (linhas 7, 11, 17), “a deputada pela Califórnia” (linha 13), “a congressista” (linha 19), “a deputada” (linhas 29-30 e 39-40), “Katie Hill” (linha 39). Algumas dessas expressões limitam-se a referenciá-la apenas pelo nome, pelo sobrenome ou ambos. Outras adicionam um substantivo que especifica o cargo político ocupado por Katie, por exemplo, “deputada” e “congressista”.

Além das expressões nominais expostas acima, o locutor também utiliza as expressões “jovem política democrata” (linha 2) e “jovem deputada democrata Katie Hill” (linha 5) para referir-se a Katie Hill. Analisamos que, ao utilizar o adjetivo “jovem” nesses sintagmas nominais, o enunciador produz o sentido de que as situações vivenciadas por Hill não são tão inesperadas, uma vez que os jovens, por serem inexperientes, tendem a cometer mais erros que os mais velhos. O principal motivo que nos faz acreditar que “jovem”, no texto, possui esse sentido é o fato de que, quando o locutor-autor se refere a Nancy Pelosi, ele adota a expressão “veterana democrata”. Ele considera que por ela ser “veterana” possui mais

experiência e, conseqüentemente, não cometeria tal ato. Por isso, é a pessoa adequada para falar sobre o ocorrido. Mediante o uso do adjetivo “jovem”, portanto, o locutor faz emergir a subjetividade, produzindo o sentido de que essa deputada tem pouca experiência na política e, talvez por isso, tenha incorrido no erro de expor-se demais em sua vida pessoal, o que não se espera de uma representante do povo.

Outra função semântica do substantivo como referenciador é a de encapsulamento por meio de rotulação. São exemplos disso as expressões “esse escárnio” (linha 10) e “a exploração pública de suas imagens íntimas” (linha 18). Acerca da última, o locutor está rotulando a publicação de fotos íntimas de Katie como algo negativo, ou seja, como uma situação de aproveitamento público. Mediante a expressão “esse escárnio”, o enunciador emite um juízo de valor negativo em relação à “humilhante publicação de fotos e de mensagens íntimas” (linhas 9-10) de que Katie Hill foi vítima. Usando o substantivo qualificador “escárnio”, o locutor inscreve-se no texto, solidarizando-se com a deputada e, assim, busca partilhar com o alocutário seu sentimento de contrariedade em relação ao ato desprezível de publicar fotos e mensagens íntimas de alguém.

Entre os substantivos “deputada” (linhas 1, 5, 13 e 30), “congressista” (linha 19) e “parlamentar” (linhas 7, 19 e 30), há uma relação de sinonímia para referir-se ao cargo político exercido por Katie Hill. Além da sinonímia, o enunciador faz uso de uma retomada por hiperonímia ao empregar a expressão nominal “esses materiais” (linhas 25-26), que substitui, no texto, “fotos íntimas” (linha 24). O hiperônimo “materiais” engloba o hipônimo “fotos” (linha 24).

Diante do exposto, concluímos que, por meio dos arranjos sintáticos entre alguns substantivos e outros recursos linguísticos, emerge a (inter)subjetividade. Tais sintagmatizações revelam a presença do locutor em seu discurso, evidenciando sua visão de mundo.

5.3 ANÁLISE ENUNCIATIVA DO TEXTO *DEPUTADA DEMOCRATA EXPOSTA EM FOTOS ÍNTIMAS DECIDE RENUNCIAR AO MANDATO*

1 **Deputada democrata exposta em fotos íntimas decide renunciar ao mandato***

2 Imagem de Katie Hill aos beijos com outra mulher acabou publicada por tabloide britânico e
3 desencadeou acusações por violação do Código de Ética do Congresso Americano; ela
4 denuncia 'campanha de difamação' articulada por conservadores

5 A congressista democrata americana Katie Hill, que representa a Califórnia, anunciou
6 nesta segunda-feira que renunciará seu mandato. A decisão foi tomada diante da investigação
7 aberta no Congresso contra a parlamentar por violações do Código de Ética da instituição.

8 Ao longo da última semana, adversários políticos acusaram Hill de envolvimento com
9 funcionários, o que é proibido por lei para congressistas, após a publicação de fotos íntimas da
10 democrata no tabloide Daily Mail.

11 Eleita pela primeira vez nas eleições do ano passado, Hill é a primeira congressista
12 americana que se assume como publicamente como bissexual e passou a ser considerada uma
13 das estrelas em ascensão da política americana, segundo o New York Times.

14 Contudo, sua posição dentro do Congresso se complicou por causa de dois escândalos
15 relacionados a envolvimento amorosos com funcionários.

16 Segundo um site conservador de notícias, Hill teria tido uma relação com uma
17 assistente de campanha — o que ela posteriormente confirmou — e também com um
18 funcionário de seu gabinete — o que ela nega.

19 As regras do Congresso americano não permitem que um parlamentar tenha relações
20 com membros de seu gabinete, o que levou a instituição a abrir uma sindicância no Conselho de
21 Ética para investigar Hill.

22 Hill argumenta que é alvo de uma campanha de difamação por parte de adversários do
23 Partido Republicano — Hill desbancou o republicano Steve Knight nas eleições — e do marido,
24 de quem está se divorciando.

25 Segundo ela, as imagens foram divulgadas por pessoas interessadas em promover uma
26 "campanha de difamação". A congressista disse que entrará na Justiça contra os supostos
27 responsáveis.

28 Inicialmente, ela negou a possibilidade de abrir mão de seu cargo, mas após o anúncio
29 da investigação, decidiu abdicar da posição.

30 Apoiada pela líder da Câmara, Nancy Pelosi, a parlamentar disse que teme pelo que
31 poderia acontecer caso continuasse com seu mandato e preferiu tomar essa medida para
32 preservar as pessoas a seu redor.

33 Em seu pronunciamento, ela disse também que admite conduta inapropriada com
34 subordinados durante sua campanha, mas que batalhará para provar sua inocência das demais
35 acusações.

* Texto publicado na Revista Época, em 28 de outubro de 2019. Disponível em:
<<https://epoca.globo.com/deputada-democrata-exposta-em-fotos-intimas-decide-renunciar-ao-mandato-24046844>>. Acesso em: 19 maio de 2020. Adaptação.

5.3.1 O ato enunciativo

A notícia “Deputada democrata exposta em fotos íntimas decide renunciar ao mandato” também se refere à renúncia de Katie Hill. Conforme mencionamos anteriormente, o intuito de analisar duas notícias que comunicam um mesmo fato é observar a singularidade de cada ato enunciativo, a fim de mostrar que as sintagmatizações empreendidas pelos locutores revelam a presença de cada um deles nos textos, produzindo sentidos e referências particulares.

Diferentemente da primeira notícia analisada, nesta encontramos apenas uma situação de enunciação, na qual o *eu* é representado pelo locutor-autor e o *tu* é representado pelo leitor da notícia. O locutor vale-se, exclusivamente, do uso da *não* pessoa, centrando o texto no referente (Katie Hill) e, assim, conferindo um efeito de objetividade ao discurso.

5.3.2 A situação em que se realiza o ato enunciativo

De acordo com Benveniste (1989, p. 231), “ela [a frase] não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece”. Isso quer dizer que toda situação de enunciação contemplará um *aqui- agora* diferente e que nunca poderá ser reproduzido de novo.

Quanto à situação de enunciação desta notícia, o *agora* (tempo linguístico) refere-se ao momento da enunciação, que constitui o parâmetro para o estabelecimento da retrospectiva (marco temporal passado), cujo tempo verbal predominante é o pretérito perfeito do indicativo (por exemplo, “acabou” – linha 2, “passou” – linha 12, “complicou” – linha 14, “disse” – linha 26, “negou” – linha 28). Mediante o uso desse tempo verbal, o enunciador indica que os acontecimentos narrados são anteriores ao momento da enunciação. É relevante observar que o locutor emprega o presente do indicativo para produzir dois sentidos diferentes. Por intermédio de um dos usos, ele confere a fatos passados o valor de novidade, aproximando-os do leitor – o chamado “presente histórico” –, como ilustram as formas verbais “decide” (linha 1), “denuncia” (linha 4) e “argumenta” (linha 22). Também se vale do presente do indicativo para expressar fatos ou estados de coisas que, embora se realizem num tempo mais amplo do que o momento da enunciação, têm um ponto de concomitância com esse momento. São exemplos desse uso as formas verbais “representa” (linha 5), “é” (linhas 9, 11 e 22), “assume” (linha 12), “nega” (linha 18), “permitem” (linha 19), “está” (linha 24), “teme” (linha 30) e “admite” (linha 33). Além desses dois tempos verbais, o enunciador faz uso do futuro do presente, para instaurar, no texto, um tempo posterior ao momento da enunciação, indicando uma prospecção: “renunciará” (linha 6), “entrará” (linha 26) e “batalhará” (linha 34). Por meio do futuro do presente, o locutor produz o sentido de que três ações de Katie Hill são projetadas no marco temporal futuro: renunciar ao mandato de deputada, mover uma ação na Justiça contra seus supostos difamadores e lutar para provar sua inocência.

Sobre o lugar linguístico da enunciação (*aqui*), é possível afirmar somente que é o lapso espaço-temporal em que o ato enunciativo da escrita da notícia se realiza. Quanto à referência coconstruída no texto, podemos afirmar que o enunciador busca legitimar as noções defendidas por Hill de que ela estava sendo atingida por uma “campanha de difamação”. O locutor dá maior destaque aos que

seriam os possíveis articuladores dessa campanha (conservadores e tabloides), sublinhando o quanto isso afetaria ou condicionaria a formação da opinião pública acerca do assunto.

5.3.3 Instrumentos linguísticos – o substantivo

Neste tópico, dirigimos nossa atenção às funções semântico-discursivas do substantivo, especialmente às funções adjetivadora e referenciadora. Lembramos que, na análise enunciativa, não podemos contemplar o substantivo isoladamente, mas em sua convivência com as outras palavras (sintagmatização), da qual advém a semantização.

Como já mencionamos na análise do ato enunciativo, o locutor faz uso da *não pessoa* para inserir, no texto, o principal objeto de discurso da notícia. Ao usar nomes próprios – “Katie Hill” (linha 2) e “Hill” (linhas 8, 11, 16, 21, 22 e 23) – para explicitar esse referente, o enunciador faz uso do substantivo em sua função nomeadora ou designadora. Conforme Moura Neves (2018, p. 231), os nomes próprios, que, de acordo com o senso comum, são os verdadeiros nomes, “nomeiam indivíduos específicos”, isto é, por meio da denominação, o indivíduo é identificado.

O locutor-autor emprega, em vários momentos, o substantivo em sua função adjetivadora. No início do texto, o enunciador se vale de expressões nominais como “fotos íntimas” (linha 1) e “imagem” (linha 2). Além disso, também coloca um substantivo em convívio com um sintagma preposicionado: “aos beijos com outra mulher” (linha 2). Se apenas os substantivos “fotos” e “imagem” tivessem sido usados pelo locutor, isso não evidenciaria uma possível difamação, muito menos violação do Código de Ética do Congresso Americano. Nesse caso, haveria, no texto, apenas uma relação de hiperonímia com função referenciadora: o substantivo “imagem” é um hiperônimo de “fotos”. No entanto, a sintagmatização operada pelo enunciador entre o substantivo “fotos” e o adjetivo “íntimas” produz determinada semantização: o alocutário é cientificado de que são fotos/imagens que retratam Katie em algum momento privado. O sintagma preposicionado “aos beijos com outra mulher”, em convívio com a expressão nominal “imagem de Katie Hill” (linha 2), revela ao leitor o que mostram as fotos íntimas e que se trata de um relacionamento homossexual.

Na linha 12, o locutor-autor utiliza o substantivo “bissexual”, mediante o qual especifica a orientação sexual de Katie Hill. Com o emprego desse substantivo, o locutor, além de explicitar a orientação sexual de Katie, parece estar justificando também o envolvimento de Katie com uma mulher.

É pertinente observar que, na notícia, a semantização produzida é a de que a revelação pública de Katie Hill sobre sua orientação sexual acarretou uma consequência: ela passou a ser vista como uma das “estrelas em ascensão da política americana” (linha 13). O emprego do substantivo “estrela” como núcleo do processo de sintagmatização que se verifica nessa expressão nominal revela que Hill tornou-se uma pessoa notoriamente influente. Já o uso do substantivo “ascensão”, no sintagma preposicionado que especifica “estrela”, revela que a deputada estava sendo cada vez mais reconhecida. E, por fim, mediante a expressão circunscritora “da política americana”, o enunciador deixa claro em que âmbito ou domínio Hill era uma estrela.

Ao fazer uso do substantivo “escândalos” (linha 14), o locutor-autor qualifica negativamente os dois episódios envolvendo Katie Hill, mostrando sua aparente desaprovação acerca desses (supostos) fatos, os quais afetaram negativamente a ascensão de Hill na política.

De acordo com o enunciador, as fotos foram publicadas por um “tabloide” (linha 2). Normalmente, o uso do substantivo “tabloide” implica um sentido pejorativo, visto que esses veículos de comunicação são reconhecidos como sensacionalistas, isto é, buscam chocar, comover a opinião pública, sem, na maioria das vezes, preocupar-se com o modo como os fatos serão anunciados ou com as consequências de noticiá-lo. Sendo assim, o locutor faz emergir a subjetividade em seu discurso, revelando que a divulgação dos acontecimentos pode não estar ocorrendo com transparência, o que provocaria uma comoção pública mais negativa do que crítica.

O locutor-autor também explicita que um “site conservador de notícias” (linha 16) noticiou o envolvimento de Hill com uma das assistentes da sua campanha e com um dos funcionários de seu gabinete. Primeiramente, cabe sublinhar que o substantivo “site” somente indicaria que outro veículo de comunicação, além do jornal britânico (tabloide), teria noticiado o envolvimento de Katie Hill com uma assistente de campanha e o suposto envolvimento de Katie com um de seus funcionários. Mas a cumplicidade sintático-semântica do substantivo “site” com o

adjetivo “conservador” revela que o locutor busca agir sobre o alocutário, chamando a atenção para a perspectiva da qual o site noticiou os acontecimentos, ou seja, muito provavelmente, alicerçado em crenças morais tradicionais.

Observando os processos de sintagmatização “campanha de difamação” (linhas 4, 22 e 26), “conservadores” (linha 4), “adversários do Partido Republicano” (linhas 22-23), “o marido” (linha 23) e “os supostos responsáveis” (linhas 26-27), percebemos que o enunciador, primeiramente, indica que Katie Hill talvez esteja sendo atingida por um movimento (campanha) que busca descredibilizá-la (difamá-la) publicamente. Ao utilizar-se do substantivo “conservadores”, o locutor estabelece quem são os responsáveis pela campanha difamatória: indivíduos conservadores. Em outras palavras, pessoas com conceitos morais tradicionais. Desse modo, quando os sintagmas nominais “adversários do Partido Republicano” e “o marido” (acrescido da oração adjetiva explicativa “de quem está se divorciando” – linha 24) são apontados como os possíveis responsáveis pela campanha de difamação, o enunciador constrói a referência de que esses se enquadram na qualificação negativa “conservadores” (linha 4).

Ressaltamos, ainda, que o substantivo “adversários” está relacionado ao especificador “do Partido Republicano”. Poder-se-ia alegar que tal sintagmatização está presente no discurso de Katie Hill, não do locutor-autor. Entretanto, como esse discurso é inserido na notícia como citação indireta, a linguagem é do locutor, que, por meio da sintagmatização “adversários do Partido Republicano” produz o sentido de que a campanha de difamação provém de políticos conservadores (republicanos), que são resistentes à ruptura das convenções tradicionais, que poderiam advir de uma mulher representante do partido adversário (democrata).

Na expressão nominal “supostos responsáveis”, é relevante observar que o adjetivo “responsáveis” foi substantivado, o que ilustra a afirmação de vários linguistas de que a fronteira entre o substantivo e o adjetivo não é muito nítida. Ao relacionar o adjetivo “supostos” ao substantivo “responsáveis”, o enunciador expressa que não há certeza de quem sejam os responsáveis pela campanha difamatória de Hill.

Chama a atenção a sintagmatização “conduta inapropriada com subordinados” (linhas 33-34), expressão nominal empregada na citação indireta de parte do pronunciamento de Katie Hill. Como leitores do texto, não podemos saber se o adjetivo “inapropriada” é apenas uma tradução do que foi dito por Hill em seu

discurso ou se a conduta da parlamentar foi avaliada negativamente pelo enunciador da notícia. O sintagma preposicionado “com subordinados” especifica quem foram os atingidos dessa conduta inapropriada: os subordinados.

Contemplemos, agora, o uso do substantivo como recurso de coesão referencial. Quando remete à *não pessoa* do ato enunciativo, o locutor-autor, na maioria das retomadas, busca ser objetivo em relação à referenciação desta. O uso do sobrenome da deputada (“Hill”) em seis ocorrências parece revelar que o locutor busca certo distanciamento em relação a esse referente ao noticiar os fatos, diferentemente da proximidade que a menção pelo prenome demonstraria. Além da designação com o emprego do substantivo próprio, o enunciador apresenta definições desse objeto do discurso, a fim de esclarecer ao leitor quem é Katie Hill. As seguintes expressões nominais definidoras são usadas para remeter ao referente: “deputada democrata” (linha 1), “a congressista democrata americana Katie Hill” (linha 5), “a parlamentar” (linhas 7 e 30), “a democrata” (linhas 9-10) e “a congressista” (linha 26). O locutor projeta uma imagem de seu alocutário: na relação intersubjetiva que se instaura nesse ato enunciativo, o enunciador parte do pressuposto de que o leitor da notícia não detém a informação de que Katie Hill é uma deputada americana.

Na cadeia coesiva que remete a Katie Hill, observamos que os substantivos “parlamentar” (linhas 7 e 30) e “congressista” (linhas 5 e 26) formam uma relação de sinonímia com o substantivo “deputada” (linha 1). Cabe destacar que, nas expressões nominais “deputada democrata”, “congressista democrata americana” e “congressista americana”, o locutor opera uma sintagmatização entre o substantivo (núcleo do sintagma) e os adjetivos especificadores “democrata” e “americana” e, assim, especifica o viés ideológico e o país de atuação política de Katie Hill.

O enunciador também emprega o substantivo como núcleo de expressões nominais ao encapsular segmentos textuais antecedentes por meio de rotulação. Koch e Elias (2018) afirmam que as expressões nominais podem sumarizar ou rotular fatos, eventos ou circunstâncias apresentados anteriormente no texto. É essa a função referenciadora que assumem as expressões nominais “a decisão” (linha 6), “a publicação de fotos íntimas da democrata” (linhas 9-10) e “essa medida” (linha 31). No primeiro exemplo, o substantivo “decisão” rotula o fato futuro “renunciará a seu mandato” (linha 6), e o emprego desse substantivo pelo locutor produz o sentido de que a renúncia ao mandato de deputada é uma ação futura diante da qual Katie

Hill não tem dúvida. Por meio da expressão nominal “a publicação de fotos íntimas da democrata”, o enunciador encapsula o segmento textual “Imagem de Katie Hill aos beijos com outra mulher acabou publicada por tabloide britânico” (linha 2). Nessa rotulação, o locutor-autor nominaliza ou substantiviza um verbo no particípio (“publicada” → “publicação”). Procedendo ao arranjo sintático de acrescentar um complemento nominal (“de fotos íntimas da democrata”) ao substantivo “publicação”, o locutor produz a semantização de que Katie Hill está diante de um grande problema. Mediante o uso do sintagma nominal “essa medida” (linha 31), o enunciador encapsula o conteúdo da oração “abrir mão de seu cargo” (linha 28). O substantivo “medida” expressa o valor semântico de ação, providência, atitude, de modo que essa sintagmatização (forma) produz a semantização (sentido) de que a renúncia ao cargo de deputada não é apenas um plano ou objetivo, mas algo concreto.

A análise do substantivo, em suas relações com outros constituintes do texto 2 mostra que, em suas funções adjetivadora e referenciadora, essa categoria gramatical funciona como um procedimento acessório (conforme Benveniste), por meio do qual o locutor não só diz do mundo, mas de si, pois é ele que faz a intermediação entre o mundo de que fala e seu alocutário. Assim, o enunciador produz sentidos e busca partilhar com o leitor sua referência (ponto de vista).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após imergirmos nos estudos teóricos sobre o substantivo e empreendermos a análise das duas notícias, é chegado o momento de finalizarmos nosso trabalho, tecendo algumas considerações que derivam das reflexões desenvolvidas. No entanto, antes disso, gostaríamos de mencionar que este trabalho não tem, de modo algum, o intuito de funcionar como uma tentativa de esgotamento das discussões a respeito do uso do substantivo, mas, sim, de apresentar outras funções semântico-discursivas para além da função nomeadora.

Primeiramente, é preciso retomar nossas questões norteadoras: (i) que funções semântico-discursivas o substantivo pode desempenhar além da função nomeadora?; (ii) que sentidos e que referências – relacionados à mulher – são coconstruídos mediante o uso de substantivos ou locuções nominais em duas notícias? Para responder a essas questões, buscamos subsídios em várias fontes (em teorias gramaticais tradicionais, em teorias linguísticas e na Teoria da Enunciação – principal base teórica) a fim de verificar, num dos rastros deixados pelo locutor – o substantivo, em convivência com outros sintagmas (sintagmatização) – que sentidos ele promove e qual sua visão de mundo (referência que constrói na enunciação).

Conforme postulado por Benveniste, cada uma das notícias analisadas possui um *eu-tu-aqui-agora* diferente, pois cada ato enunciativo é único e não pode jamais ser reproduzido (é evanescente). Observamos, na análise do ato enunciativo e das situações em que se realiza, que, embora as duas notícias tratem do mesmo fato (renúncia da deputada americana Katie Hill devido à exibição de fotos íntimas com uma assessora de campanha), a semantização e a referência são singulares em cada texto. As marcas da presença do *eu* no discurso são acessadas no enunciado (ou texto), produto da enunciação. Em outras palavras, o locutor inscreve-se na notícia, que nunca traz o fato em si, mas uma versão deste, pois o enunciador apresenta o mundo ao alocutário sob a sua ótica.

Os substantivos, em convivência com outras formas linguísticas, são procedimentos acessórios empregados pelo locutor para produzir sentidos (semantização) e para coconstruir a referência no texto. Em outros termos, constatamos que o locutor emprega o substantivo para dizer de si e do “seu mundo”.

Em relação às gramáticas tradicionais contempladas nesta pesquisa, é possível afirmar que, como o foco delas é explicitar as regras que norteiam o uso da língua na variedade formal, não ultrapassando as fronteiras do período composto, é justificável que privilegiem a função nomeadora dos substantivos, não refletindo sobre seus papéis semântico-discursivos. No entanto, não se pode sustentar que a gramática tradicional ignora o sentido, porque, quando tratam da gradação (aumentativo e diminutivo), várias delas apresentam valores expressivos (afetivos, apreciativos, depreciativos) que o acréscimo do sufixo agrega aos substantivos.

Uma reflexão importante de alguns linguistas é a de que há uma linha tênue entre substantivo e adjetivo, ou seja, essas duas classes, são muito próximas, de modo que um adjetivo pode converter-se em substantivo e vice-versa. Esses estudiosos também mostram que o substantivo pode ter uma função adjetivadora, especificando ou qualificando outro substantivo. Na análise das duas notícias, isso ficou bastante claro em algumas ocorrências do substantivo.

Outra conclusão a que chegamos a partir das análises, amparadas pela teoria benvenistiana, é a de que o sentido advém dos arranjos sintáticos promovidos pelo locutor, e não do uso de palavras isoladas. Na análise do substantivo, não podemos restringir-nos ao sentido e à referência que este produz independentemente, mas na sua relação com outros constituintes sintagmáticos. É mediante a sintagmatização que o enunciador produz a semantização, e a palavra, quando atualizada no discurso, em cumplicidade com outras palavras, adquire sentidos singulares. O processo de sintagmatização revela a singularidade de cada enunciação.

A partir da análise das duas notícias, conseguimos constatar que o processo de sintagmatização (substantivo + outras palavras) de cada um dos textos indica que as escolhas dos autores representam as suas percepções de mundo (suas lentes). Por isso, a *não pessoa* do enunciado, ou pessoa de quem se fala, é concebida de maneiras diferentes em cada um deles, ou seja, cada locutor em comunhão com seus alocutários constrói sua própria referência, buscando agir sobre eles, para que adiram a seu ponto de vista.

No que tange à construção do referente mulher, percebemos que ambos os enunciadores, seja num grau menor ou maior, revelam a subjetividade acerca do fato noticiado. Na notícia 1, percebemos que o enunciador cria uma referência crítica em relação à figura da mulher. Em alguns momentos, inclusive, realiza escolhas de substantivos e de sintagmatizações que indicam mais a sua desaprovação quanto

às atitudes de Katie Hill do que quanto à divulgação, indevida, das fotos e mensagens. Um bom exemplo disso seria o uso do substantivo “perdão” (linha 41), que expressa o descontentamento do autor com as ações de Katie, pois não são meras desculpas que ela deve às meninas que influenciou, mas “perdão”. Já na notícia 2, entendemos que o autor-locutor, principalmente pelo uso do substantivo “conservadores” (linha 4), estabelece uma referência que vai ao encontro do argumento defendido por Katie Hill, isto é, de que ela foi vítima de uma “campanha de difamação”. No entanto, ao utilizar o substantivo “escândalos” (linha 14), também emite um juízo de valor negativo em relação aos (supostos) acontecimentos envolvendo Katie.

Diante disso, é possível afirmar que as construções referenciais em relação às mulheres, frequentemente, contêm substantivos ou outros recursos linguísticos que emitem julgamentos negativos acerca das condutas femininas. Muito provavelmente, como visto nos textos, em função das convenções moralistas tradicionais que ainda são, fortemente, defendidas por diversos grupos sociais e pelo Partido Republicano, do qual Hill não faz parte, pois representa o Partido Democrata. Por fim, tudo isso também nos mostra o quanto alguns indivíduos se sentem no direito de avaliarem as mulheres pelo simples fato de serem mulheres.

Com base no que foi exposto, esperamos que esta pesquisa possa servir de esteio para discussões acerca das funções desempenhadas pelos substantivos e das construções referenciais relativas à mulher. Além disso, também esperamos que possa servir de subsídio para os professores de Língua Portuguesa repensarem as formas de abordar o substantivo – e os demais recursos linguísticos – em sala de aula. Por fim, queremos deixar clara nossa tese de que, no estudo da gramática, não se pode ignorar que forma e sentido são “noções gêmeas” (BENVENISTE, 1989, p. 221), que convivem juntas em toda a extensão da língua.

REFERÊNCIAS

- BASILIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. 14ª reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. 3ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2014.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria Enunciativa de Benveniste*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.
- FLORES, Valdir do Nascimento et al. (Orgs.). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2019.
- FLORES, Valdir do Nascimento et al. *Enunciação e gramática*. 2. ed. 3ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. 2. ed. 4ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2017.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. 5ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2018.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.
- PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. 8ª impr. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 44. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.